

O lugar da mulher no comentário desportivo na televisão portuguesa

Leonor Baptista Moreira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Jornalismo
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Professora Doutora Sónia de Sá

junho de 2020

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família, muito em particular:

À minha mãe pela persistência com que me incentivou a concluir este projeto.

Ao meu pai pelo apoio constante e disponibilidade demonstrada neste meu trajeto acadêmico.

E por fim à minha irmã pela forma compreensiva como sempre abordou as dúvidas que fui tendo neste percurso.

Agradecimentos

À Professora Doutora Sónia de Sá, por ter aceite ser minha orientadora, por toda a disponibilidade, apoio e saber que me soube transmitir, pelas opiniões e críticas, mas acima de tudo, pela forma como sempre me acalmou perante as dúvidas e problemas que ao longo da realização desta dissertação me foram surgindo e pela força e confiança que sempre depositou no meu trabalho.

Aos Professores do Mestrado em Jornalismo pelo duto ensinamento que me proporcionaram.

Aos Professores da Licenciatura em Sociologia que me acompanharam na última etapa que antecedeu este Mestrado e que me ajudaram a obter as ferramentas necessárias para o meu futuro.

Aos meus colegas do Mestrado de Jornalismo, em particular às colegas Carolina Batista e Helena Esteves, pelo apoio incondicional demonstrado em todos os momentos deste trajeto.

Também às amigas e colegas da UBI, Mariana Tavares pela amizade e incentivo constantes, e ainda à Catarina Belo, Dalila Guerreiro e Raquel Fernandes pelo companheirismo e apoio.

Aos dois entrevistados nesta investigação pela prontidão e preocupação com que aceitaram responder às questões colocadas.

À minha avó paterna, Fátima Moreira, que sempre me apoiou e me soube compreender nos momentos difíceis.

À minha mãe, ao meu pai e à minha irmã por estarem sempre lá para mim e saberem compreender as minhas “más disposições”, quando as dificuldades surgiam.

Por último, a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para a concretização deste sonho.

Resumo

Procurou-se neste estudo perceber se se verifica a igualdade de género no comentário desportivo da televisão portuguesa. Com efeito, analisamos, num arco temporal de cinco meses, a participação das mulheres neste género de comentário televisivo e respetivas alterações durante este período. A relevância do tema justifica-se face à escassez de estudos sobre o objeto de estudo em análise.

Veremos que, em Portugal, nos cursos de Jornalismo e similares as mulheres são em maior número que os homens. Tal não impede que nas redações da área de desporto da televisão em Portugal quem domina ainda sejam os homens.

Foram analisados os programas de comentário/análise desportiva dos canais televisivos SICNotícias, TVI24 e CMTV e efetuadas entrevistas semiestruturadas a profissionais da área. A atenção centrou-se, por um lado, na verificação, à luz dos estudos de género, dos programas, os seus convidados e os temas discutidos, e, por outro, na avaliação de uma hipotética discriminação das mulheres em ambiente de redação desportiva.

Com base na análise dos referidos programas e das entrevistas, procurou-se dar resposta às questões de investigação. Uma das conclusões que resulta do estudo é que existe uma desigualdade de género evidente e muito significativa nos programas de comentário/análise desportiva da televisão portuguesa, ainda que as/os profissionais entendam que, na atualidade, não vislumbram discriminação por género, essencialmente, nas editorias.

Palavras-chave

Igualdade de género; Mulheres; Comentário desportivo; Televisão portuguesa

Abstract

The aim of this study was to understand if there is gender equality in sports commentary on portuguese television. In effect, we analyzed, over a period of five months, the participation of women in this type of television commentary and respective changes during this period. The relevance of the theme is justified with the scarcity of studies on the object of study under analysis.

We will see that, in Portugal, in Journalism and similar courses, women are more numerous than men. This does not prevent men from still dominating television sports in the country.

The sports commentary/analysis programs of the television channels SICNotícias, TVI24 and CMTV were analyzed, and semi-structured interviews were conducted with professionals in the field. Attention was centered, on the one hand, on verification, in the light of gender studies, programs, their guests and the topics discussed, and, on the other, on the assessment of hypothetical discrimination against women in the sports newsroom's environment.

Based on the analysis of the referred programs and interviews, we seek to answer the research questions. One of the conclusions that results from the study is that there is an evident and very significant gender inequality in the commentary/sports analysis programs on portuguese television, even though the professionals understand that, at present, they do not see discrimination by gender, essentially, in newsrooms.

Key Words

Gender equality; Women; Sports commentary; Portuguese television

Índice

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 1 |
| Justificação do tema..... | 1 |
| Capítulo I. Jornalismo desportivo na televisão..... | 3 |
| 1.1. Desporto e televisão..... | 12 |
| 1.2. A relevância dos grandes eventos desportivos..... | 13 |
| 1.3. A televisão e o futebol..... | 14 |
| Capítulo II. Igualdade de género, desporto e televisão..... | 17 |
| 2.1. Desporto e a mulher..... | 19 |
| 2.2. Televisão e género..... | 20 |
| 2.3. Jornalismo desportivo e género..... | 21 |
| 2.3.1. Cobertura masculina de e por homens..... | 23 |
| Capítulo III. Comentário desportivo e participação da mulher..... | 25 |
| 3.1. O “lugar de fala” no comentário televisivo..... | 33 |
| 3.1.1. Conversas de homens para homens..... | 35 |
| 3.2. Comentário desportivo na TV: mulher não entra..... | 38 |
| Capítulo IV. Metodologia..... | 41 |
| 4.1. Problema..... | 43 |
| 4.2. Questões de investigação..... | 43 |
| 4.3. Método..... | 43 |
| 4.3.1. Escolha da amostra..... | 45 |
| 4.3.2. Programas de comentário/análise desportiva..... | 45 |
| 4.3.3. Entrevistas..... | 46 |
| 4.3.4. Contratempos da investigação..... | 48 |
| Capítulo V. Análise e discussão de resultados..... | 51 |

| | |
|---|----|
| 5.1. Análise dos programas de comentário/análise desportiva..... | 53 |
| 5.2. Análise das entrevistas..... | 61 |
| 5.3. Discussão de resultados..... | 65 |
| Capítulo VI. Conclusões, Limitações à Investigação e Investigação Futura..... | 69 |
| 6.1. Conclusões..... | 71 |
| 6.2. Limitações à Investigação..... | 72 |
| 6.3. Investigação Futura..... | 72 |
| Referências..... | 75 |
| Anexo A – Guião de entrevista a Jornalistas..... | 87 |
| Anexo B – Guião de entrevista a Diretores de Informação..... | 93 |

Lista de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Distinção entre sexo e género | 9 |
| Tabela 2 – Primeiras transmissões televisivas de eventos desportivos | 13 |
| Tabela 3 – Programas mais vistos do ano de 2019 segundo uma publicação da Dinheiro Vivo | 15 |
| Tabela 4 – Factos marcantes que contribuíram para a emancipação da mulher ao longo do tempo | 28 |
| Tabela 5 – Distribuição por sexo nas licenciaturas em Informação e Jornalismo | 30 |
| Tabela 6 – Alguns dados de como as mulheres são vistas pelos média ao longo dos tempos (Silva, 2019) | 32 |
| Tabela 7 – Conclusões do relatório efetuado pelo Comité Women in Journalism a 9 jornais da Grã-Bretanha (Carter <i>et al.</i> , 2018) | 33 |
| Tabela 8 – Resultados da participação de ambos os sexos em 10 provas em que o autor participou | 36 |
| Tabela 9 – Alguns resultados do estudo de Deaner et al. (2015) publicado no jornal <i>Evolutionary Behavioral Science</i> | 37 |
| Tabela 10 – Alguns resultados a que a investigadora Rita Figueiras chega na sua investigação “Os Comentadores e os Media” | 38 |
| Tabela 11 – Fases de análise dos programas de comentário/análise desportiva | 46 |
| Tabela 12 – Diretores de Informação que pretendíamos entrevistar | 47 |
| Tabela 13 – Mulheres jornalistas que pretendíamos entrevistar | 47 |
| Tabela 14 - Análise dos programas de jornalismo desportivo na SICNotícias no último dia de setembro e dois primeiros dias de outubro de 2019 | 53 |
| Tabela 15 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na TVI24 no último dia de setembro e dois primeiros dias de outubro de 2019 | 54 |
| Tabela 16 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na CMTV no último dia de setembro e dois primeiros dias de outubro de 2019 | 55 |
| Tabela 17 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na SICNotícias na segunda semana de novembro de 2019 | 56 |
| Tabela 18 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na TVI24 na segunda semana de novembro de 2019 | 57 |
| Tabela 19 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na CMTV na segunda semana de novembro de 2019 | 58 |
| Tabela 20 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na SICNotícias | |

| | |
|---|----|
| no mês de janeiro de 2020 | 59 |
| Tabela 21 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na TVI24 no mês de janeiro de 2020 | 59 |
| Tabela 22 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na CMTV no mês de janeiro de 2020 | 60 |
| Tabela 23 – Resumo das tabelas n.º 14 à n.º 22 | 65 |

Lista de Acrónimos

| | |
|-------------|---|
| UBI | Universidade da Beira Interior |
| SIC | Sociedade Independente de Comunicação |
| TVI | Televisão Independente |
| CMTV | Correio da Manhã Televisão |
| RTP | Rádio e Televisão de Portugal |
| BBC | British Broadcasting Corporation |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| EUA | Estados Unidos da América |
| TV | Televisão |
| CAEM | Comissão de Análise de Estudo dos Meios |
| GFK | Growth From Knowledge |
| PNI | V Plano Nacional para a Igualdade de Género, Cidadania e não Discriminação |
| GMMP | Global Media Mentoring Project |
| UN | Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres – ONU Mulheres |
| LGBTQ+ | Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgéneros |
| EDP | Energias de Portugal |
| GP | Grande Prémio |
| Covid - 19 | Coronavirus Disease 2019 (do inglês) |
| SAD | Sociedade Anónima Desportiva |
| Sporting CP | Sporting Clube de Portugal |
| FC Porto | Futebol Clube do Porto |

Introdução

Procurou-se neste estudo fazer uma viagem cujo destino era tentar perceber se existe igualdade de género no comentário desportivo da televisão portuguesa. Começamos por justificar a pertinência do tema escolhido, fazemos uma revisão da literatura cuja escolha e sequência pensamos ser adequada para que possamos compreender o fenómeno em estudo.

Com base no problema, formulámos três questões de investigação e como método optámos pela análise qualitativa com recurso não só a entrevistas semiestruturadas, mas também com base na observação de alguns parâmetros de programas de comentário/análise desportiva de três canais da televisão portuguesa – SICNotícias, TVI24 e CMTV.

Existiram contratemplos, alguns derivados do clima de pandemia que se viveu nos últimos meses, mas procurou-se ultrapassar essas contrariedades. No final, dar-se-á resposta às questões de investigação e faz-se referência às limitações da investigação e avançou-se com possíveis linhas de investigação futura.

Justificação do tema

De acordo com Burton (2015) e Sherry *et al.* (2016), desde a Antiguidade Clássica até ao presente, o desporto tem sido um espaço de afirmação do género masculino em relação ao feminino.

Contudo, e como referem Jacinto *et al.* (2015), a participação das mulheres no desporto é uma realidade e atualmente muito diferente do passado. Referem ainda que a partir dos anos 50 do século passado e por força das mudanças culturais, sociais, económicas e científicas, os mitos criados em torno da participação das mulheres no desporto têm sucessivamente sido quebrados.

Ora, tendo presente que nos últimos 20 anos em Portugal, tal como refere Saraiva (2017), as mulheres têm vindo cada vez mais a participar em desportos que até então eram considerados masculinos, e sabendo-se haver uma falta de diversidade de estudos sobre o caso de Portugal, torna-se pertinente perceber se a presença das mulheres no comentário desportivo da televisão portuguesa tem evoluído.

As mulheres, no nosso país, estão sub-representadas em todas as dimensões da atividade desportiva e a igualdade entre homens e mulheres está longe de ser alcançada em termos

profissionais e económicos, de apoios técnicos, nos meios de comunicação social e nos reforços sociais (Jacinto *et al.*, 2015).

Ou seja, as mulheres, apesar de terem alcançado alguns patamares de igualdade, enfrentam vários obstáculos em diversas dimensões das suas vidas pessoais e profissionais, e continuam a ser uma minoria no desporto, assim como nas áreas a ele ligadas.

É o próprio Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres, quem sublinha que a agenda da ONU 2030¹ para o Desenvolvimento Sustentável integra a igualdade de género na definição do seu quinto objetivo: “alcançar a igualdade de género e o empoderamento de todas as mulheres e meninas”.

Em Portugal, ao falarmos de mulheres no jornalismo desportivo, sabemos que os estudos sobre o tema ainda são escassos (Pinheiro, 2003). Como refere o mesmo autor, tal sucede porque ainda em pleno século XX tínhamos uma imprensa de homens, escrita por homens e orientada para homens, ou seja, eles eram os únicos intervenientes.

Também Vieira (2011) diz ser curioso que tanto internacionalmente como cá dentro (Portugal) continua a haver muito pouca bibliografia sobre esta problemática.

Ou seja, o tema justifica-se, por um lado, pela atualidade da investigação, e, por outro, pela escassez de estudos sobre esta temática.

¹ <https://nacoesunidas.org/tema/agenda2030/>

Capítulo I.

Jornalismo desportivo na televisão

Parece ser evidente que o desporto é um dos temas mais abordados e discutidos na televisão portuguesa. Como refere Pinheiro (2008), o desporto, enquanto importante fenómeno social que reflete e reforça valores e estruturas da sociedade, exerce, igualmente, um forte poder sobre os meios de comunicação social. A forma como este é apresentado ao público pode, certamente, ajudar a criar estereótipos. Ou seja, o desporto e os média influenciam-se mutuamente e são estes últimos que ajudam a propagar a ideia de omnipresença do desporto (Pinheiro, 2008). Como refere Baleizão (2013), a comunicação no meio desportivo tornou-se imprescindível na estratégia das organizações, ao ponto de se tornar uma atividade básica na evolução e progresso do setor.

Para além dessa influência mútua, existe mesmo uma relação de interdependência que pode ser, essencialmente, de cariz financeiro (Pinheiro, 2008; Eitzen & Sage, 1993). E Pinheiro (2008) vai mais longe quando diz que os média, para além de refletirem, também moldam perceções, comportamentos e sentimentos, tornam-se em potenciais agentes de mudança.

A forma como o desporto é apresentado ao público, reforçamos, pode ajudar a criar e/ou cimentar estereótipos. No que diz respeito às questões de género e sexo, como refere Pinheiro (2008), os média apresentam o desporto como uma área de grande expressão masculina. Na atualidade, apesar de se assistir a uma subida percentual de mulheres envolvidas na prática desportiva, a comparação destas com os homens no que diz respeito à cobertura por parte dos média é ainda pequena (Rintala & Birrel, 1984).

Num estudo realizado por Crossman *et al.* (1994), no qual fazem a análise da secção desportiva de dois jornais de referência, durante um ano, concluíram que o espaço dedicado ao desporto masculino era cerca de 18 vezes superior ao espaço dedicado ao desporto feminino.

Também Saraiva (2017), numa análise documental sobre 10 modalidades desportivas, que comparou o desporto masculino e feminino com base em notícias e imagens publicadas pelos jornais *A Bola*, *O Jogo* e *Record*, entre os anos 1996 e 2015, observou que o desporto feminino ainda apresenta um enorme défice de cobertura mediática, tendo representado uma pequena parte das notícias publicadas pelos três jornais (13,8%).

Vejamos alguns dos números que se podem extrair da análise de Saraiva (2017) no que diz respeito às notícias publicadas:

- O desporto feminino é pouco referido nas notícias, com 13,8% do total das notícias publicadas;

- Quando a publicação existe, a mesma centra-se nas atletas, numa percentagem de 83,2%;
- O jornal “A Bola” é o que apresenta mais notícias sobre desporto feminino, com 41,3% do total das notícias;
- Segue-se o jornal “Record” com 30,9% das notícias;
- O jornal “O Jogo” apresenta 24,3% das notícias.

Vejam agora da mesma análise documental de Saraiva (2017) algumas conclusões relativamente às notícias que continham fotografias:

- O jornal “A Bola” apresenta o maior número de casos com 40,7% das fotografias sobre desporto feminino;
- Segue-se o jornal “Record” com 35,7% das fotografias;
- Depois o jornal “O Jogo” com 23,5% do total das fotografias sobre desporto feminino.

No contexto televisivo o panorama é idêntico. E esta abordagem, que iremos aprofundar ao longo do presente estudo, não se restringe apenas aos canais puramente desportivos (A Bola TV, Canal 11, Benfica TV, Sporting TV, Eleven Sports, Sport TV). De segunda a domingo, vemos os canais de informação (RTP 3, SIC Notícias, TVI 24, CMTV) com programas onde comentadores afetos aos três principais clubes da principal Liga Portuguesa (Benfica, Porto e Sporting) escarpelizam os resultados que os seus clubes vão conseguindo nas diversas provas em que estão envolvidos.

Saraiva (2017) refere que, na vertente desportiva, os meios de comunicação social têm sido apontados como condicionadores da participação das mulheres no desporto, não só em Portugal, mas também no resto do mundo.

De acordo com Eitzen e Sage (1993), nem todos os desportos têm a mesma cobertura, pois só são noticiados aqueles que geram mais receita e que atraem um maior número de visualizações.

Se há desporto que recebe grande atenção por parte das estações televisivas é o futebol. Este é dos desportos que gera mais receitas a nível mundial e aquele que gera mais curiosidade por parte do público de vários países, entre eles, Portugal. É fácil vermos isso tendo em conta a grande quantidade de programas dedicados ao comentário futebolístico que existe, atualmente, nos canais de televisão portugueses.

Com efeito, embora o jornalismo desportivo tenha preponderância em grande parte da grelha de programação de inúmeros canais, também padece de uma certa discriminação, pois só os desportos que atraem mais visualizações é que são abordados nos programas desportivos, deixando outros desportos de lado (Pinheiro, 2008). Segundo análises de Constantino (1992), Eitzen e Sage (1993), Cashmore (1990) e Ferrando (1990), são os média que determinam a organização dos eventos desportivos e toda a logística relacionada com os mesmos.

No seguimento desta ideia, de acordo com Silva (2011), o futebol é, por si só, um meio de comunicação utilizado mesmo pelos meios de comunicação tradicionais.

Outro fator que ajudou ao crescimento do jornalismo desportivo foi, a juntar aos programas de comentário desportivo, a criação de canais inteiramente dedicados à atividade desportiva, como por exemplo, os canais *Sport TV*, *Bola TV* ou a *Eleven Sports*. Neste tipo de canais, a transmissão de desporto é durante 24 horas/dia e aqui já se assiste a uma maior diversidade na cobertura de outro tipo de modalidades para além daquelas que geram receitas mais elevadas.

Ou seja, por um lado, a televisão aproveita-se do desporto, um conteúdo que gera, habitualmente, um grande interesse por parte dos telespectadores, mas, por outro lado, o desporto também se aproveita dos média – especialmente da televisão - na medida em que é uma forma de obter publicidade e lucros financeiros, tal como referem Cashmore (1990) e Coakley (1982).

Sendo assim, a televisão acaba por desenvolver um papel de integração social, pois, ao divulgar os eventos desportivos, está, ao mesmo tempo, a transmitir conhecimentos que ajudam os indivíduos a se inserirem na sua cultura (Eitzen & Sage, 1993).

Pires (2017) afirma que o desporto é considerado um instrumento significativo de mudança social, que consegue chegar a inúmeras pessoas em todo o mundo. Neste contexto, a ONU declarou 2005 como o ano do desporto, clarificando que o desporto é um meio para promover a educação, a saúde, o desenvolvimento e a paz no mundo, sendo uma importante ferramenta de aproximação e integração de pessoas. Para a Comissão Europeia (2007), o desporto estimula a ideia comum de pertença e participação, uma vez que constitui também uma importante ferramenta para a integração dos imigrantes, entre outras parcelas da sociedade, muitas vezes, mais desprotegidas.

A televisão desempenha também um papel de transformação social, pois, como referem Eitzen e Sage (1993), Hargreaves (1991), Clarke e Clarke (1982), a forma como os canais de televisão decidem transmitir os eventos leva a que o público os receba a partir de um determinado enquadramento, o que, potencialmente, gera uma mudança de valores.

Como já foi referido anteriormente, se o futebol é o desporto mais transmitido por um conjunto de canais e programas de televisão, numa comparação entre o sexo dos praticantes, o desporto masculino continua a ter mais atenção por parte das estações televisivas. Isto acontece, pois, como refere Hargreaves (1991), os média continuam a mostrar o desporto como uma área essencialmente do domínio masculino.

De facto, segundo Pinheiro (2008), o desporto feminino não recebe a mesma atenção que o masculino, e isso deve-se, em grande parte, à forma como as atletas femininas são representadas pelos média. Para Cerqueira (2014), a linguagem usada por estes para apresentar as atletas só ajuda a reforçar o estereótipo de género.

As mulheres são ainda alvo de um conjunto de iniquidades, enfrentando diversos obstáculos e, por isso, persistem em ser uma minoria no desporto (Jacinto *et al.*, 2015). Ainda segundo Jacinto *et al.* (2015), as dificuldades em vencer essa barreira são de diversa ordem, sendo que em muito decorrem do modelo de desporto construído - por e para homens - em que a presença das mulheres não se valorizava nem se considerava necessária, bem como da persistência da identidade, papéis e estereótipos de género associados ao desporto, dominando, ainda, uma visão masculina do mesmo.

Os preconceitos e estereótipos de género, que preservam valores, expectativas, comportamentos e opções, resultaram numa valoração decisiva, transformando o desporto numa prática de propensão masculina e dificultando a participação das mulheres ao considerá-lo como algo desajustado (*ibid*).

Outro fator importante para este problema é que, como defende Esteves (1999), hoje em dia, continua a existir um maior número de homens jornalistas que foram treinados a partir de perspetivas de género enviesadas, reificando estereótipos, reproduzindo-os, consciente ou inconscientemente, na forma como apresentam a mulher atleta e os feitos por elas conseguidos. Estes usam muitas vezes expressões que, em vez de realçarem as proezas das atletas, focam-se primeiro no papel destas como mulheres ou os atributos físicos. Como refere Duncan (1990), as fotografias de mulheres atletas dão quase sempre um grande relevo à aparência física.

O que costuma acontecer às atletas que têm um corpo mais musculado ou menos feminino é que passam a ser questionadas, ridicularizadas e algumas vezes rotuladas. O que implica, muitas vezes, que vejam a sua participação nos desportos limitada (Chinurum *et al.*, 2014). A sociedade cria papéis de género para as mulheres e para os homens e, quando um deles se 'desvia' desses papéis estabelecidos, é comum colocar-se questões, ridicularizar-se essas pessoas e criar-se conceitos - pejorativos - para as/os definirem (*ibid*).

Sexo, Género e Desporto

Para melhor se perceber e interiorizar o conceito de igualdade de género, há que estabelecer a distinção entre “sexo” e “género”. Vejamos a tabela seguinte:

Tabela 1 – Distinção entre sexo e género

| IGUALDADE DE GÉNERO | |
|---|---|
| SEXO | GÉNERO |
| Pertence ao domínio da biologia. | É um conceito social resultante do processo de socialização. |
| Características biológicas e fisiológicas que distinguem homens e mulheres. | Construção cultural das características masculinas e femininas; o ser mulher e o ser homem. |

Fonte: Autoria própria

Enquanto o conceito de sexo tem origem no domínio da biologia, traduzindo um manancial de características biológicas e fisiológicas que distinguem os homens das mulheres, o género emerge a partir de questões sociais e culturais, que dizem respeito às diferenças existentes entre homens e mulheres como resultado do processo de socialização, na sua identidade social.

Entman (1993) defende que quando certos quadros se tornam mais proeminentes nos média, estes têm a capacidade de tornar certos pontos de vista ou estereótipos mais dominantes na sociedade. Isto acontece porque as ideias associadas ao corpo feminino e masculino são socialmente e culturalmente construídas e o desporto é uma das formas mais imediatas para se avaliar como a sociedade constrói a ideia de corpo masculino – forte e ativo – e de corpo feminino – elegante e mais frágil (Chinurum *et al.*, 2014).

Num estudo de Sancar e Sever (2009), conclui-se que, geralmente, as mulheres têm uma posição mais fraca tanto a nível social, como a nível político, económico, legal, educacional e físico. É por isso que, segundo Chinurum *et al.* (2014), existe uma tendência para que as intervenções de género tentem corrigir esses desequilíbrios, que visam mais as mulheres e as meninas.

De acordo com Fasting (2004, p. 26), “feminilidade é a questão do que é feminino em aparência e comportamento”, portanto, é quase certo que quando uma mulher faz algo que quebra essas aparências e comportamentos convencionados será, certamente, questionada por isso.

Geralmente, existem estigmas associados a mulheres que sejam atletas que, mais tarde, são usados para controlar a participação delas nos eventos desportivos (Chinurum *et al.*, 2014).

Silva (2006) refere que ao analisar as práticas e os espetáculos desportivos se pode afirmar que estes foram culturalmente construídos com base num ideal de masculinidade, o que leva a que, segundo Freire (2016), no imaginário social coletivo as vitórias desportivas estejam relacionadas com velocidade, resistência, força e competição, essencialmente, da masculinidade hegemónica. Esta correlação entre desporto e masculinidade tem por base um determinismo biológico que relaciona a masculinidade com o homem, e este com o desporto (*ibid*).

Ora, segundo Cahn (1993), este tipo de suposições aportam uma série de determinismos sociais que levam a que os homens que não se encontrem dentro da esfera do desporto possam ser catalogados de efeminados ou homossexuais e, por outro lado, as mulheres que o fazem podem ser vistas como másculas ou lésbicas.

A forma como os média apresentam as atletas, nomeadamente, através do uso de fotografias, como vimos, pode gerar consequências sociais e afetar a forma como o género, a classe e os grupos raciais são percecionados pela sociedade em geral (Hardin *et al.*, 2002). Se este tipo de representações sociais – estigmatizadas e estereotipadas – se tornam recorrentes nos média, passam a ser recebidas e tratadas pelo público como naturais e válidas. Mais ainda, tal como diz Entman (2007, p. 296), estes quadros de representações mediáticas encorajam os consumidores/as dos média a “pensar, sentir, e decidir de uma forma particular”. E, neste caso, a naturalizar a imagem do homem associada à força e a da mulher associada à fragilidade.

Analisamos, portanto, a aniquilação simbólica da mulher desportista e até jornalista/repórter nos média. O que acrescenta ao facto de o papel da mulher na sociedade ser muitas vezes trivializado e desvalorizado pelos média (Tuchman, 1978).

Em suma, os média, e a televisão em particular, têm uma grande influência na forma como o desporto – e seus/suas praticantes - é percecionado (Eitzen & Sage, 1993). Já vimos que a forma como os canais abordam as questões desportivas pode alimentar os estereótipos de género relativo às atletas femininas e às jornalistas da área. Cabe, portanto, às televisões terem um papel importante que ajude na mudança das mentalidades, pois, como refere Pinheiro (2008), ao mostrarem ao público as modalidades e os atletas que lhe são mais queridos, provocam um aumento nos seus índices de audiência.

Ainda a respeito das capacidades da televisão em prol da igualdade de género, também o “V Plano Nacional para a Igualdade: Cidadania, Género e não Discriminação (2014-2017)” realça que os média podem contribuir para dar visibilidade a um conjunto de realidades relacionadas com a desigualdade de género, cumprindo, assim, uma importante missão social e contribuindo para uma sociedade mais igualitária. Uma das medidas para alcançar tais objetivos implementados pela Presidência do Conselho de Ministros e pela Comissão para a Igualdade de Género foi de promover a sensibilização do público em geral sobre as questões da igualdade de género e não discriminação, com recurso ao meio de comunicação privilegiado, a televisão.

A mudança de paradigma pode começar pela forma como os desportos femininos e as suas atletas são apresentadas, usando a mesma abordagem que é aplicada aos desportistas masculinos, pois, como refere Pinheiro (2008), os média ao noticiarem os eventos desportivos dão a sua própria interpretação do acontecimento, significando isso que os eventos desportivos sofrem uma transformação.

Eitzen e Sage (1993) dizem mesmo que os média não se limitam a fazer o relato do que acontece ou aconteceu concretamente num evento desportivo, mas constroem os eventos no sentido em que os apresentam de acordo com a sua própria interpretação. Ao reinterpretarem os acontecimentos desportivos, os média contribuem para a formação e transmissão de novos valores e de novas opiniões (Pinheiro, 2008). Quer a televisão quer a imprensa escrita, para além de atribuírem menos tempo, menos artigos e menos espaço ao desporto feminino do que ao desporto masculino, nem sempre tratam as mulheres atletas da mesma maneira que os colegas do género masculino.

Tais alterações trariam novas perceções sobre o desempenho dos e das atletas, mas também sobre o papel da mulher jornalista, longe de ter presença equitativa em programas de comentário desportivo e notícias da área, isto em relação aos colegas homens (Martins & Cerqueira, 2018).

Como se chega a este contexto? Não só porque o futebol – desporto central nos canais televisivos portugueses - ainda é visto como uma modalidade maioritariamente masculina, mas também porque se assume à partida que as mulheres não entendem de futebol (Gill, 2013). Por isso, os lugares reservados neste tipo de programas de comentário é inteiramente para os homens, e, geralmente, quando existe a participação de alguma mulher, a estas é reservado o papel de apresentadora ou de moderadora do debate, sendo que aí não lhe cabe comentar os temas, mas apenas lançar os assuntos para a discussão e colocar questões ao painel de convidados.

Ou seja, como defende Esteves (1999), apesar de algumas mudanças que já se vão notando, ainda há muitos estereótipos e preconceitos a combater. Um caminho que, contudo, não se avizinha fácil, muito mais num mundo (ainda) dominado pelos homens, que apenas ajudam a repetir os estereótipos que lhes foram ensinados (*ibid*).

É certo que, com estes fatores, o lugar da mulher no desporto ainda é questionado, sendo exemplo disso, como refere Freire (2016, p. 5), embora cada vez mais atletas profissionais atinjam a excelência em competições como os Jogos Olímpicos, por exemplo, socialmente, parece que a mulher continua a ser vista apenas como “uma menina a jogar”.

1.1 Desporto e televisão

Especialmente na televisão, a componente audiovisual imprime uma forte sensação de proximidade, que transforma a mediação dessa forma de comunicação, de certo modo, impercetível (Sampaio, 2000).

Segundo Betti (1997), a associação entre o desporto e os média, especialmente a televisão, vem transformando progressivamente e com alguma rapidez a prática do desporto e a percepção que dele temos.

O jornalismo português, como refere Santos (2012), contribui cada vez mais para a definição da programação televisiva, servindo uma audiência exigente, e o desporto, é por si só, um campo favorável ao aparecimento de mitos, imagens e heróis (Helal, 1990).

Santos (2012) afirma que escrever para televisão é bem distinto da forma como se escreve, por exemplo, num jornal *online*. Em primeiro lugar, continua o autor, é necessário alterar a linguagem, aprender a escrever um texto que acompanha as imagens.

Ainda de acordo com Santos (2012, p. 27), fazer jornalismo desportivo são precisos diversos elementos, nomeadamente:

- saber ler bem os jornais desportivos;
- ter as fontes certas;
- saber onde procurar nos casos imediatos;
- saber lidar com programas de edição de imagem;
- estar familiarizado com outras línguas para quando for preciso legendar alguma peça de algum clube estrangeiro, por exemplo.

Como escreve Betti (1997), a televisão alterou a audiência do desporto em todo o mundo, e obrigou-o a um papel de dependência, à medida que o tornou menos capaz de subsistir

com espectadores ao vivo, dependendo do patrocínio resultante das transmissões televisivas.

À entrada do século XXI, como referem Lopes *et al.* (2011), a televisão persiste em constituir-se como o mais presente na vida das pessoas, de entre os média. E, por conseguinte, o desporto/futebol jogado dirigido e comentado por homens também.

1.2 A relevância dos grandes eventos desportivos

Para a jornalista de desporto, Cláudia Lopes, citada por Santos (2012, p. 33), “custa quando se encara o jornalismo desportivo como um jornalismo menor”. Para a jornalista desportiva, “É um jornalismo de espetáculo porque o desporto é um espetáculo, mas tem de ser feito com o mesmo grau de seriedade e de rigor”.

Não é mais possível diz Betti (1997) fazer-se referência ao desporto atual sem associá-lo aos meios de comunicação de massa. A forma como praticamos e percebemos o desporto tem alterado rápida e progressivamente a relação desporto/televisão, com a figura do espectador a ser fundamental nessa transformação. Muito por causa da televisão, o desporto passou a ser um espetáculo para ser consumido por telespectadores.

Foi após a II Guerra Mundial que a televisão passou a produzir em larga escala (Marcondes Filho, 1988). Quanto aos eventos desportivos, vejamos agora na Tabela 2 alguns exemplos dos primeiros eventos transmitidos pela TV:

Tabela 2 – Primeiras transmissões televisivas de eventos desportivos.

| TRANSMISSÃO TELEVISIVA DE EVENTOS DESPORTIVOS | | | |
|---|-----------------|--|---|
| | ANO / DÉCADA | EVENTO DESPORTIVO | FONTE |
| Foi no período da II Guerra Mundial | 1936 | Os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, foram televisionados, embora apenas para os presentes no próprio local. | (Mcpherson <i>et al.</i> , 1989) |
| | 1937 | Em 1937, a BBC inglesa televisionou o torneio de ténis de Wimbledon. | (Série " <i>Mais que um jogo</i> ", produzida pela BBC de Londres, e exibida pela TV Cultura) |
| | 1940 | Em 1940, uma partida de beisebol foi transmitida nos EUA . | (Série " <i>Mais que um jogo</i> ", produzida pela BBC de Londres, e exibida pela TV Cultura) |

| | | | |
|---|-----------------------|---|--|
| que a televisão começou a produzir em larga escala (Marcondes Filho, 1988) | 1948 | Os Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, foram os primeiros a ser transmitidos em direto, pela BBC. | (Série " <i>Mais que um jogo</i> ", produzida pela BBC de Londres, e exibida pela TV Cultura). |
| | Década de 1950 | Na década de 1950, os eventos desportivos tornaram-se parte da programação regular nos canais de TV. | (Betti, 1997) |
| | 1962 | Em julho de 1962, na inauguração do sistema de satélites norte-americano, foram transmitidos em direto, para a Europa, trechos de uma partida de beisebol em Chicago. | (Série " <i>Mais que um jogo</i> ", produzida pela BBC de Londres, e exibida pela TV Cultura) |
| | 1966 | O desporto telespetáculo ensaiou os seus primeiros passos no Mundial de Futebol de 1966 - o primeiro evento internacional integralmente explorado pela televisão. | (Betti, 1997) |
| | 1984 | E consolidou-se nos Jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles. | (Betti, 1997) |
| NOTA: Em Portugal, foi no dia 2 de outubro de 1978 que a RTP transmitiu pela primeira vez um jogo do Campeonato Nacional de futebol. O Estádio do Bonfim foi o palco da partida entre o V. Setúbal e o Belenenses, que pela primeira vez chegou aos lares portugueses (Nogueira, 2018). | | | |

Fonte: Autoria própria

1.3 A televisão e o futebol

Muitos, como Santos (2012), vêem o jornalismo desportivo como um espectáculo. O futebol, por si só, é um espectáculo no seio do próprio espectáculo.

De referir que, neste contexto, a televisão é cultura para uns e destruição e violência para outros, constituindo, por um lado, motivo de debate para uns, e por outro, objeto de culto para outros.

Em outras palavras, como enfatizou Rodrigues (1993), o futebol vive muito da bravura pessoal dos craques, apesar de todas as convenções disciplinares do profissionalismo.

Operando a partir de uma lógica de espectáculo, a televisão fragmenta e descontextualiza o fenómeno desportivo, construindo autonomamente uma realidade textual: o desporto telespetáculo (Betti, 1997).

O futebol, para Jaime (2010), vai para além do mero noticiário dos jornais e televisão, superando os mais realistas e politizados comentários, por forma a permitir uma série sem fim de discussões riquíssimas sobre a ideologia ou conceção do mundo.

Para Helal (1990), a conjugação da incerteza do resultado, com o carácter recreativo do conflito, confere ao desporto o desenvolvimento do discurso semelhante ao dos rituais, que procuram solucionar simbolicamente muitos dos conflitos do quotidiano.

O futebol, onde “as regras permitem uma maior flexibilidade de papéis a serem executados pelos atletas” que outros desportos, torna-se imprevisível por isso mesmo, o que lhe oferece uma dose suplementar de misticismo (Helal, 1990 p.52).

Futebol e outra vez futebol foi o que os portugueses mais consumiram na televisão generalista o ano passado (Marcela, 2020). O jogo entre Portugal e Holanda da Liga das Nações dominou a atenção dos portugueses em 2019. O pós jogo foi o programa mais seguido, com 2.699 milhões de telespectadores de audiência média, e com a final entre as duas seleções a ser visionada por uma audiência média de 2.669 milhões (*ibib*).

Vejamos na tabela seguinte quais os programas mais vistos no ano de 2019, segundo a Análise Universal McCann/Mediabrands Insight sobre dados CAEM/GFK, publicada pela Dinheiro Vivo:

Tabela 3 – Programas mais vistos do ano de 2019 segundo uma publicação da Dinheiro Vivo.

| TOP | Data | Canal | Hora Início | Descrição | Aud. Média ('000) | Aud. Média (%) | Share (%) |
|-----|------------|-------|-------------|--|-------------------|----------------|-----------|
| 1 | 09/06/2019 | RPT1 | 21:36:59 | Futebol – Liga das Nações: Pos-Match Portugal X Holand | 2.699 | 27,9% | 60,3% |
| 2 | 09/06/2019 | RTP1 | 19:33:41 | Futebol – Liga das Nações: Final – Portugal X Holand | 2.669 | 27,6% | 65% |
| 3 | 14/10/2019 | RTP1 | 19:36:36 | Futebol – Euro 2020: Qualificação Ucrânia X Portugal | 2.415 | 25,5% | 50,4% |
| 4 | 05/06/2019 | RTP1 | 19:32:59 | Futebol – Liga das Nações: Portugal X Suíça | 2.348 | 24,2% | 56,7% |
| 5 | 26/01/2019 | TVI | 19:41:03 | Futebol – Taça da Liga Allianz Cup (Final) FC Porto X Sporting | 2.163 | 22,3% | 47,9% |

| | | | | | | | |
|--|------------|------|----------|--|-------|--------|-------|
| 6 | 06/02/2019 | RTP1 | 20:42:27 | Futebol – Taça de Portugal Benfica X Sporting | 2.160 | 22,3% | 44% |
| 7 | 23/10/2019 | TVI | 19:53:33 | Liga dos Campeões Benfica X Lyon | 2.137 | 22,26% | 44,4% |
| 8 | 04/08/2019 | RTP1 | 20:29:51 | Futebol Supertaça Cândido de Oliveira Benfica -Sporting | 2.134 | 22,5% | 49,7% |
| 9 | 11/04/2019 | SIC | 19:53:16 | Futebol – Liga Europa Benfica X E. Frankfurt | 2.134 | 22% | 48,6% |
| 10 | 25/05/2019 | RTP1 | 20:26:06 | Sporting Vencedor Taça de Portugal 2019 | 1.994 | 20,06% | 53,4% |
| 11 | 25/05/2019 | RTP1 | 17:06:39 | Futebol – Taça de Portugal Final Sporting X FC Porto | 1.875 | 19,4% | 62,1% |
| 12 | 31/01/2019 | SIC | 20:54:25 | Jornal da Noite – A Rede | 1.715 | 17,7% | 35,4% |
| 13 | 18/12/2019 | RTP1 | 20:42:58 | Futebol – Taça de Portugal Placard Benfica X SC Braga | 1.582 | 16,7% | 34,6% |
| 14 | 19/11/2019 | SIC | 21:40:17 | Nazaré | 1.536 | 16,2% | 34,3% |
| 15 | 09/09/2019 | SIC | 22:16:21 | Golpe de Sorte II | 1.506 | 15,9% | 35,5% |
| Nota: Tabela ordenada por Audiência Média (‘000). Programas com mais de 10 minutos. Este Top considera a inserção mais vista de cada programa no período em análise (2019 FY) | | | | | | | |

Fonte: Análise Universal McCann/Mediabrands Insight sobre dados CAEM/GfK, retirado da Dinheiro Vivo.

Resulta da tabela que as transmissões de jogos de futebol ocupam a preferência dos/as telespectadores/as. Verificamos ainda que o primeiro formato não desportivo surge na 12^a posição. Ou seja, nas 15 primeiras posições, apenas três conteúdos nada têm a ver com futebol, sendo que surgem na parte inferior da tabela.

Capítulo II.

Igualdade de género, desporto e televisão

As evidências sugerem que o desporto é uma das áreas onde a igualdade de género continua a não existir, ou que ainda há um longo caminho a percorrer. A própria essência competitiva do desporto leva a isso mesmo: foi sempre uma prática associada ao sexo masculino e continua a ser difícil alterar o *status quo* estabelecido há imenso tempo. Como defende Pêgo (2015, p. 5), “o desporto e o jornalismo têm sido mundos dominados por homens. Se (...) falarmos de jornalismo desportivo, esta situação ainda se torna mais evidente.”

Já quanto ao papel da televisão, apesar de hoje em dia o desporto feminino ser cada vez mais uma realidade alargada, persiste como evidente uma certa discriminação deste na imprensa. Isto pode ter justificação pelo facto de os jornalistas desportivos serem em grande número do sexo masculino, o que se verifica depois no tipo de cobertura que é feita (Pinheiro, 2008).

2.1 Desporto e a mulher

De acordo com Alexandrino (2011), o interesse feminino centra-se em assuntos do quotidiano, concretamente moda, educação, casa e filhos, justificando o autor que o interesse por outros assuntos que não estes mencionados, e que tenham a ver com áreas que apenas eram dominadas pelos homens (desporto), tem a ver com o aumento da escolaridade das mulheres. Contudo, em pleno século XXI, continua a ser algo raro uma mulher que parece entender de desporto (Coelho, 2003).

Quanto ao desporto, e interligando este com o jornalismo, Chambers *et al.* (2004) salientam a ideia de que nas redações de desporto existe uma das mais marcadas assimetrias de género no jornalismo, e que isso reflete-se depois na forma como as atletas e os atletas são tratadas/os em termos jornalísticos, o que poderá também ajudar na definição do género valorizado pela audiência em determinado contexto, como o do comentário desportivo em televisão.

É importante referir que o facto de Portugal ter vivido um período ditatorial de quase 50 anos fez com que a entrada das mulheres no Ensino Superior fosse adiada em algumas áreas, como aconteceu com o jornalismo (Ventura, 2012). Foi só no início dos anos 1970 que esta situação começou a mudar, pois assistiu-se a uma modernidade em todas as áreas em Portugal.

Um dos entraves que as mulheres tiveram que enfrentar nas redações foi o facto de terem que provar que, ora eram boas jornalistas apesar de serem mulheres, ora tinham que

mostrar serem mulheres reais, apesar de serem jornalistas (Van Zoonen, 1998, *apud* Martins & Cerqueira, 2018).

Contudo, verifica-se que, embora nos dias de hoje lhe continue a ser atribuída uma menor atenção, o desporto feminino é uma realidade, situação facilmente observável através do grande número de mulheres que atualmente praticam desporto assim como através das excelentes performances que têm vindo a ser alcançadas por mulheres de todas as faixas etárias (Pinheiro, 2008).

Quanto a isto, Crossman *et al.* (1994) salientam a ideia de que esta situação se vai manter, pois, o desporto feminino vai continuar a receber menos atenção das televisões, pelo menos enquanto o desporto continuar a ser visto como uma audiência essencialmente masculina.

2.2 Televisão e género

A televisão pode ter um papel fundamental no estabelecimento de alguma equidade de representação de género através do desporto. Contudo, os média, principalmente a televisão e a imprensa escrita, acabam por dar mais tempo e espaço ao desporto masculino do que ao feminino, como destacam Theberge & Cronk (1994), Whannel (1983), Duncan *et al.* (1984) e Eitzen e Sage (1993).

A televisão cria impacto em vários aspetos importantes relativos ao desporto e aos eventos desportivos. Como refere Pinheiro (2008), quando nos referimos ao desporto, devemos tratar de igual modo os aspetos económicos, políticos e culturais que o circunscrevem e a importância e o efeito que os média têm sobre tal fenómeno. Ou seja, como justifica Pinheiro (2008), frequentemente se verifica que o desporto é usado pelos diferentes canais televisivos como uma verdadeira arma, onde, refere Pêgo (2015), o futebol domina relativamente às restantes modalidades não só em número de adeptos, com implicação direta na escolha de modalidade por parte do jornalismo desportivo.

Como diz Pinheiro (2008), a televisão disponibiliza menos tempo, menos peças jornalísticas e menos espaço ao desporto feminino do que ao desporto masculino. E nem sempre olha as mulheres atletas da mesma maneira que os homens atletas. Pêgo (2015) afirma ainda que, em Portugal, embora ao longo dos tempos se vislumbre uma alteração no tratamento relativamente às mulheres, é, contudo, evidente que os desníveis e a segregação, embora que encapotados e até inconscientes, existem.

É certo que as televisões têm que tentar ganhar mais espectadores/as e é por isso que muitos canais acabam por apostar em programas de cariz desportivo. De acordo com Pêgo (2015), com a propagação do desporto, motivada pelo evoluir das modalidades, assistiu-se ao aumento da procura por notícias relacionadas com atletas, clubes, ou seleções nacionais. Ou seja, acaba por ser uma influência mútua, pois as televisões aproveitam-se dos eventos desportivos para angariar telespectadores/as, mas os eventos acabam também por ganhar com as transmissões feitas, pois assim chegam a mais gente. Contudo, esse aumento da procura de informação desportiva e não só, acaba por gerar um problema, uma vez que a primazia em estar ‘em cima do acontecimento’ impulsiona falhas dos órgãos de comunicação social levando a um potencial descrédito.

Como conclui Pinheiro (2008), as televisões usam o desporto como uma arma para ganharem mais audiência, ou seja, os média quando decidem sobre as modalidades com potencial para serem noticiadas, respondem, por um lado, ao interesse do público e, por outro, dão também resposta a interesses económicos.

2.3 Jornalismo desportivo e género

Como refere John (2014, p. 498, *apud* Pêgo, 2015) “O jornalismo desportivo² tem sido uma área em que a conquista da equidade de género ainda está distante de ser alcançada”. Nas redações desportivas o número de mulheres é reduzido e, principalmente no jornalismo impresso, são muito poucas as mulheres protagonistas do noticiário desportivo (*ibid*, 2014). Como enquadra Pinheiro (2008), no que ao desporto diz respeito, os média, ainda que de forma ténue, persistem em reproduzir divisões de géneros, que tornam esta separação aparentemente eterna.

Assim, nesta constatação de que o desporto é um dos temas que mais desperta o interesse do público, levando, por isso, a uma pressão pela busca de lucros por parte dos média, verificamos, porém, que nem todos os desportos recebem a mesma atenção, nem são apresentados ao público de forma igual (Pinheiro, 2008).

O desporto que ganha neste aspeto é o futebol. Como refere Pêgo (2015), em termos de cobertura jornalística, o jornalismo desportivo e a dependência do futebol evidenciam que esta é a modalidade que mais se desenvolveu. Como salienta a mesma autora, isto deveu-se “à emoção e fanatismo associado à modalidade” (p. 9). Assim, o jornalismo desportivo tem como suporte essencial o futebol. O futebol que congrega mais adeptos e praticantes, além de ser a modalidade com mais cobertura por parte dos órgãos de

² Português do Brasil

comunicação social, ou seja, é para o futebol que as atenções estão viradas, quer seja na imprensa, rádio, televisão ou formato *online*. Como referiu a jornalista Cláudia Marques, numa entrevista que deu a Pêgo (2015, p. 76), o jornalismo desportivo sobrevive, porque essencialmente “toca na paixão nacional, sobretudo o futebol”.

Há que salientar que os meios de comunicação social perceberam que o desporto, seja na imprensa, rádio, TV ou *online*, é uma aposta ganhadora, na qual, também apostaram os principais clubes desportivos do país, ao criarem os seus próprios canais de televisão e publicações impressas (Pêgo, 2015).

Quanto à questão da igualdade de género, defendem Subtil (2000) e Fernandes (2008) que, embora o facto de o jornalismo em Portugal registar a entrada de cada vez mais mulheres, o que pode evidenciar uma feminização da profissão, tal evolução não se verifica no caso do desporto, em que as mulheres persistem em ter uma preponderância reduzida enquanto profissionais.

Os média sempre contribuíram para a forma como a mulher é vista na sociedade, essa é a realidade. Segundo Tuchman (2004), os média influenciam tão fortemente a forma como a mulher é vista na sociedade, que uma forma de desencadear alterações a nível social é colocá-la em posições de influência e poder nos média para que estes mudem de conteúdos.

Atualmente, como referem várias/os autoras/es (e.g. Marshment, 1993; Subtil, 2000, 2009; Salim, 2008; Fernandes, 2008; Ventura, 2012; Andringa, 2014), o jornalismo é percecionado como uma profissão considerada feminizada. Acresce que, nas redações, as mulheres jornalistas continuam a debater-se com uma discriminação sistémica de género e a ser vistas como *outsiders* (Martins & Cerqueira, 2018). Para Pêgo (2015), percebe-se que esta intrusão das mulheres pelo mundo dos média originou mudanças sociais e de mentalidade.

Para Martins & Cerqueira (2018), a dificuldade encontrada por parte das mulheres deve-se em parte à predominância de homens nas redações, situação que levou a que os valores masculinos e o seu juízo determinassem a produção profissional.

Mas e qual é o papel da televisão nesse contexto? Será que esta ajuda a quebrar com os estereótipos e a criar novas ideias ou será que só ajuda a tornar mais fortes ainda as ideias que já existem na sociedade?

Referem Martins & Cerqueira (2018) que é importante mudarmos o conhecimento acerca do papel que a mulher desempenha na construção jornalística portuguesa, mais precisamente na temática desportiva. Hoje em dia, como argumentam Gill (2011), Subtil

(2009), Ventura (2012), Subtil & Silveirinha (2017), apesar de nas redações já se começar a verificar uma igualdade nos géneros, as investigações académicas têm realçado a persistência das assimetrias.

Como concluem Subtil & Silveirinha (2017), fala-se até no processo de feminização da profissão jornalística em Portugal como um fenómeno que tem vindo a aumentar com obstáculos a enfrentar.

2.3.1 Cobertura masculina de e por homens

Existe, talvez, uma cultura centrada no masculino, que não é entendida pelos próprios jornalistas, maioritariamente os que ocupam posições de poder, pois, como defende Louise North (2009), eles são a cultura e são eles próprios que determinam quem entra ou não nesse núcleo e quem tem ou não poder.

O desporto tem um sistema masculino dominante, que constantemente reconstrói a masculinidade hegemónica através de apresentação simbólica, e isso tem sido o foco da pesquisa de género desde aproximadamente 1980 (Everhart & Cynthia, 2007). Ou seja, o desporto continua a ter uma ligação ao sexo masculino muito forte.

Para este *status quo*, a linguagem também desempenha um papel bastante preponderante, na medida em que nos discursos, quer mulheres, quer homens, continuam a ter uma presença desigual, portanto, no sistema patriarcal, a linguagem continua a ser um dos recursos mais poderosos, reificando a lógica binária existente há longos anos (Van Dijk, 1997).

Capítulo III.

Comentário desportivo e participação da mulher

De acordo com Burton (2015), o desporto tem sido um espaço de afirmação do género masculino em relação ao feminino desde a Antiguidade Clássica até ao século XXI. Os primeiros relatos no movimento feminista, na luta por uma maior igualdade social entre homens e mulheres, segundo Humm (1990), ainda que não se identifique uma data oficial, surgem a partir do século XVIII e prolongam-se até aos dias de hoje.

Giulianotti (2007) afirma mesmo que é longa e ainda não terminou a luta das mulheres para entrarem num mundo considerado masculino. Embora já tenham sido conquistadas algumas melhorias para que o fosso entre os direitos dos dois géneros se esbata, ainda há muito caminho a ser percorrido (Messa, 2008). Diz ainda Giulianotti (2007) que existem normas patriarcais que dissuadem a participação feminina no desporto.

Para Araújo (2017), a nível global, a presença feminina nas redações já tinha deixado de ser uma novidade no final do século XX. Segundo o *Getting the balance right: gender equality in journalism*, produzido pela Federação Internacional de Jornalistas, em 2009, as mulheres que se tornaram jornalistas e que produziam conteúdos nos meios de comunicação eram cada vez mais, contudo, a posição hierárquica no interior das redações raramente as permitiria chegar aos cargos de chefia.

Em Portugal, segundo Pêgo (2015), muitas das alterações sociais que beneficiaram as mulheres surgiram com o 25 de Abril de 1974. Contudo, a desvalorização em meio escolar da participação das raparigas no desporto, a disponibilização desigual de fundos financeiros, meios materiais e humanos, a dificuldade de acesso às estruturas desportivas, a escassa cobertura mediática ou os desequilíbrios que se verificam nos prémios monetários perpetuam no desporto a situação de desigualdade e discriminação que caracteriza a participação das mulheres (Associação Portuguesa a Mulher e o Desporto, 2009).

Na tabela 4, podemos verificar alguns factos marcantes ao longo dos tempos e que mostram o difícil caminho que tem sido percorrido pelas mulheres até aos dias de hoje.

Tabela 4 – Factos marcantes que contribuíram para a emancipação da mulher ao longo do tempo.

| | | FACTOS MARCANTES | | | |
|---------------------------------|---|--|--|----|---|
| S É C U L O S | XIX | Desde final do século que há relatos de manifestações por parte de grupos de mulheres para exigir a consagração do direito ao voto e a melhoria de condições de vida e de trabalho (Pêgo, 2015). | | | |
| | XX | No início do século, a criação de diversas organizações feministas, ainda durante a Primeira República, mostrou que as mulheres queriam verdadeiramente mudar o que lhes era imposto e que, na maioria das vezes, as discriminava (Pêgo, 2015). Publicação de textos de muitas feministas na imprensa existente na altura, reclamando o direito ao voto, ao trabalho e a remuneração equitativa, promovendo a igualdade de direitos e deveres (Pêgo, 2015). | D | 30 | Regime Salazarista oferecia compensações de maternidade e matrimónio, “apresentadas como as únicas saídas dignas (e naturais) para as mulheres” (Ventura, 2009). |
| | | | D | 40 | Na rádio, foi dado destaque ao desporto com a transmissão de relatos de futebol na Emissora Nacional, arrancando nesta década a produção de conteúdos ligados às diversas modalidades desportivas para rádio (Pêgo, 2015). |
| | | | É | 50 | Em 4 de setembro 1956, na sua primeira emissão experimental, a RTP apostou desde logo no desporto, inserindo a rubrica “Revista Desportiva” no programa inaugural transmitido às 21h30 (Pinheiro, 2009). |
| | | | C | | A percentagem de mulheres sindicalizadas no Sindicato dos Jornalistas era 2% - aumentando 8% nas duas décadas seguintes (Ventura, 2007). |
| | | | A | 60 | Chegada das mulheres em massa de certas profissões (Subtil, 2000), depois de décadas em que o analfabetismo era comum entre elas. |
| | | | D | | Reconhecida a importância da consagração da igualdade entre mulheres e homens, início do estudo da questão do género em todo o mundo (Pêgo, 2015). |
| | | | A | 70 | Em Portugal, o 25 de Abril de 1974 trouxe muitas alterações sociais para as mulheres, e 1975 foi estabelecido pelas Nações Unidas como o ano Internacional da Mulher, ano que marcou também a instituição do dia Internacional da Mulher pela ONU (Pêgo, 2015). |
| | | 80 | Foi estabelecido o Decreto Lei que previa a igualdade de oportunidades no trabalho e no emprego (Pimentel & Melo, 2015). | | |
| | | 90 | Foram instituídas algumas alterações à lei para pôr fim às discriminações (Pimentel & Melo, 2015). | | |
| XXI | Foi publicado em Portugal, no final de 2013, o V Plano Nacional para a Igualdade de Género, Cidadania e não Discriminação (PNI), para o período 2014-2017, com vista à promoção da igualdade entre mulheres e homens em diferentes áreas estratégicas, entre elas em termos salariais, com disparidades descritas no “Relatório sobre as diferenciações salariais por ramos de atividade”, de junho de 2014 (Pêgo, 2015). | | | | |

Fonte: Autoria própria a partir das obras e autorias aqui citadas.

Como podemos ver na tabela, o século XX foi importante no que à emancipação da mulher diz respeito. As mudanças e a evolução do papel da mulher na sociedade são evidentes, porém, ainda hoje em dia se denota uma ligeira diferenciação nos papéis que são atribuídos à mulher e ao homem no dia a dia.

Contudo, preocupante é que ao longo de tantos anos de luta, em pleno século XXI, ainda seja recorrente falarmos nestas desigualdades.

Silva (2019) refere que nos cursos de jornalismo entram cada vez mais mulheres, mas, quando na profissão, encontram dificuldades em chegar a cargos de chefia das respetivas funções.

Atualmente, persiste a ideia de que, como as mulheres não dominam no desporto, não estarão preparadas para coberturas jornalísticas, relatos ou comentários desportivos, por isso, quando o fazem, têm que superar os estereótipos instituídos, quer isto dizer, que têm que provar que conseguem desempenhar as funções tão bem ou melhor do que os homens (Cerqueira, 2008).

Estes são estereótipos instituídos, que têm permanecido, o que tem dificultado a integração das mulheres no mundo desportivo. O crescimento do jornalismo desportivo passa muito pela feminização desta área, onde as mulheres têm que evidenciar cada vez mais conhecimento e competências sobre o assunto (Saraiva, 2019).

Até porque, como defende Tuchman (2004, p. 8), as diferenças sociais entre homens e mulheres eram alicerçadas pelos média, que com a ajuda da imprensa, rádio, publicidade e posteriormente da televisão, promovem o “aniquilamento simbólico” da mulher pelos *mass media*.

Nas décadas de 60 e 70 do século passado, a trajetória das mulheres na imprensa era muito condicionada, onde, com frequência, estavam separadas fisicamente dos seus colegas, à semelhança do que acontecia nas escolas do Estado, com o argumento de que tal separação tinha por fim proteger as próprias mulheres (Ventura, 2009).

Existe, então, uma discrepância de género no exercício do jornalismo desportivo, assim como no comentário, contudo, têm-se registado alterações interessantes neste campo nos últimos anos (Saraiva, 2009). Já os dados da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, entre 2006 e 2009, segundo Rebelo *et al.* (2011), indicavam que a feminização da profissão se materializava unicamente na categoria de redatores/as repórteres, enquanto nas restantes categorias profissionais o género masculino mantinha uma clara superioridade.

Pêgo (2015) justifica o aumento gradual das mulheres no jornalismo com o facto de ao longo das últimas décadas o sexo feminino estar em maioria, no que diz respeito à conclusão do ensino superior, bem como nas salas de aula. De acordo com dados da Direção Geral de Estatísticas de Educação e Ciência, no final do ano letivo 2010/2011, havia 87 192 diplomados em Portugal, nos diversos ciclos de ensino superior, dos quais eram mulheres 60,4%.

Dados mais recentes, de acordo com a Pordata, em 2018, havia 81. 846 pessoas que concluíram o ensino universitário e politécnico, sendo que, 34. 030 eram do sexo masculino e 47. 816 do sexo feminino.

Garcia (2009), concretiza que, em Lisboa, dos cursos de variantes de Jornalismo e Comunicação Social no ano de 1995, a percentagem de mulheres era já de 73,8% na Universidade Nova, 61% na Universidade Católica e 69,3% na Universidade Autónoma.

Para melhor contextualização, basta referir que, segundo dados da Pordata, enquanto que em 1978 estudavam no ensino superior 34. 000 mulheres, em 2010, esse número subiu para quase 205. 000. Verifica-se, ainda na Pordata, que, até 1984, no ensino superior, as alunas foram sempre em menor número. Em 1985, o número de alunos homens e mulheres registava quase uma igualdade (51. 102 homens e 51. 043 mulheres), para a partir desse ano as mulheres passarem a estar em maioria.

Vejamos na tabela 5 a distribuição por sexos nas licenciaturas em Informação e Jornalismo em Portugal, entre os anos letivos 2000/2001 e 2008/2009.

Na mesma, é evidente a predominância do sexo feminino sobre o sexo masculino.

Tabela 5 – Distribuição por sexo nas licenciaturas em Informação e Jornalismo.

| DISTRIBUIÇÃO POR SEXO NAS LICENCIATURAS EM INFORMAÇÃO E JORNALISMO | | | |
|---|-----------|----------|----------|
| SEXO | | | |
| ANOS LETIVOS | HM | H | M |
| 2000/2001 | 1292 | 330 | 962 |
| 2001/2002 | 1331 | 334 | 997 |
| 2002/2003 | 1410 | 397 | 1013 |
| 2003/2004 | 1535 | 415 | 1120 |
| 2004/2005 | 1675 | 423 | 1252 |
| 2005/2006 | 1741 | 422 | 1319 |
| 2006/2007 | 1935 | 531 | 1404 |
| 2007/2008 | 1829 | 516 | 1313 |
| 2008/2009 | 1523 | 529 | 1094 |

Fonte: Adaptado de Eugénio Rosa, in

<https://www.eugeniorosa.com/Sites/eugeniorosa.com/Documents/2011/15-2011-A-MULHER-COM-ENSINO-SUPERIOR.pdf>

É evidente a clara predominância de mulheres em licenciaturas na área da Informação e do Jornalismo ao longo dos anos. Constata-se na tabela que nos anos letivos 2005/2006

e 2006/2007 o número de mulheres era de 897 e 873 respetivamente, superior ao dos homens. Uma diferença considerável.

Mas, quanto à vertente desportiva, Saraiva (2019) afirma que é ainda predominantemente masculina, contudo, as mulheres, aos poucos, vão conquistando espaço. No século XX, como refere Pinheiro (2003), falamos de uma imprensa de homens, escrita por homens, feita para homens, e em que eles eram os únicos intervenientes.

Com o avançar do tempo e, conseqüentemente, com a conquista de vários direitos, as mulheres puderam aceder ao jornalismo e às suas diferentes vertentes (Silva, 2019). Já Subtil (2000) refere que o aparecimento da nova geração de mulheres no jornalismo aconteceu em paralelo com a chegada feminina em massa a determinadas profissões liberais, como a medicina, a advocacia e a magistratura. Diz a autora que até aí a sua presença acontecia de forma excecional, acompanhando a dinâmica generalizada de escassa participação das mulheres num mundo laboral protagonizado pelos homens.

Com efeito, verifica-se a tendência de nos cursos de jornalismo haver um maior número de mulheres (Pêgo, 2015), em oposição ao mundo do jornalismo desportivo, que é ainda dominado por homens (Allan, 2005). Análise também partilhada por Chambers *et al.* (2004), que referem ser evidente que o jornalismo desportivo é uma área onde os homens ainda são a maioria.

Ora, em pleno século XXI, uma mulher que parece entender de desporto continua a ser vista como acaso curioso (Coelho, 2003), situação que se deve ao distanciamento das mulheres face ao desporto, anteriormente imposta devido a uma alegada incapacidade física para a prática desportiva, uma vez que muitos ainda acreditam que as mulheres porque não dominam no desporto também não farão um bom trabalho, nomeadamente as jornalistas (Pêgo, 2015).

Nos órgãos de comunicação social, a representação das mulheres tem sido amplamente debatida pelo meio académico, por diversos organismos internacionais e por movimentos feministas (Van Zoonen, 2004).

Vejamos agora as conclusões/resultados de alguns estudos relativamente à forma como as mulheres têm sido vistas pelos média ao longo do tempo.

Tabela 6 – Alguns dados de como as mulheres são vistas pelos média ao longo dos tempos (Silva, 2019).

| | | CONCLUSÕES/RESULTADOS |
|----------------------------------|---|---|
| F O N T E | Global Media Mentoring Project (GMMP) de 1995 | <p>Chegou à conclusão que apenas 19% das notícias tinham uma mulher como protagonista e sempre num papel estereotipado, como vítima, mãe ou esposa.</p> <p>Segundo a World Association for Christian Communication (2000), o estudo foi repetido cinco anos, com indicadores muito semelhantes e chegou-se à conclusão que a representação das mulheres nos média não se tinha alterado de forma significativa, tinha até descido 1% em relação à investigação anterior.</p> |
| | Women and the Media, UN Women de 2014 | No caso das empresas de média, a desigualdade de género é ainda muito presente, apenas 27% dos cargos de chefia estão atribuídos a mulheres. |
| | Relatório da International Labour Organization de 2015 | <p>Destaca o aumento de mulheres nos cargos de chefia intermédios, onde muitas vezes igualam, ou até superam, os homens, mas também em cargos de chefia superiores.</p> <p>Dos 128 países analisados neste relatório, há apenas três onde a percentagem de mulheres em cargos de chefia é superior à dos homens: Colômbia, Jamaica e Santa Lúcia.</p> <p>Em Portugal, e até 2012, as mulheres representavam 34,2% dos cargos de chefia nacionais, ficando a meio da tabela.</p> |
| | The Gender Gap Report de 2018 | <p>Número de mulheres em cargos de chefia aumentou para 34%.</p> <p>Em países como o Egipto, a Arábia Saudita, o Iémen e o Paquistão, este indicador não ultrapassava os 7%.</p> |
| | World Economic Forum de 2018 | <p>É na Europa que se registou uma percentagem maior de paridade de género: 75,8%.</p> <p>Há um contraste entre os números reduzidos de mulheres em cargos de chefia, 25% em 2017 e 34% em 2018, e o número de empresas com, pelo menos, uma mulher num cargo de chefia intermédio.</p> |

Fonte: Autoria própria a partir dos estudos citados.

Ano a ano, passo a passo, são notórios pequenos avanços na paridade. No entanto, num artigo do Dinheiro Vivo, intitulado “Igualdade de Género – Em Portugal há 3,3 mulheres por cada dez gestores”, é referido que, segundo dados da Eurostat, em 7,3 milhões de posições de chefia, os assentos ocupados por mulheres são de apenas 2,6 milhões.

Carter *et al.* (2018) fazem referência a um relatório feito pelo Comité Women in Journalism (2018), no qual se refere que os homens estão em maior número na vida pública e onde se constatou que é mais notícia quando uma mulher transgride as regras do que quando um homem o faz. Foi também aceite o pressuposto de que, nos média, a aparência das mulheres é mais enfatizada do que a dos homens (*ibid*, 2018).

Vejam na tabela 7 as conclusões desse estudo:

Tabela 7 – Conclusões do relatório efetuado pelo Comité Women in Journalism a 9 jornais da Grã-Bretanha (Carter *et al.*, 2018).

| Relatório elaborado pelo Comité Women in Journalism com base na análise de fotografias nos jornais em questão | JORNAIS DA GRÃ-BRETANHA CONSTANTES DO ESTUDO | HOMENS | MULHERES |
|---|--|---|--|
| | | CONCLUSÕES | |
| | | As imagens de homens nos jornais ultrapassam, em muito, as imagens de mulheres nos média. | |
| | The Times | <ul style="list-style-type: none"> as imagens de homens referem-se a políticos e empresários. 59% dos jornais continham representação dos homens. | <ul style="list-style-type: none"> as imagens de mulheres retratam atrizes, modelos e outras celebridades. apenas 30% dos jornais continham uma imagem de mulheres. nas capas dos jornais são usadas imagens de mulheres para potenciar a venda, contrariamente ao que acontece nas páginas interiores dos jornais. |
| | The Telegraph | | |
| | The Guardian | | |
| | The Independent | | |
| | The Financial Times | | |
| | The Sun | | |
| | The Express | | |
| | The Daily Mail | | |
| | The Mirror | | |

Fonte: Autoria própria com base nos dados do Relatório elaborado pelo Comité Women in Journalism de 2018.

Alguns editores justificam os dados encontrados com o domínio do género masculino ainda existente na sociedade contemporânea (Carter *et al.*, 2018).

Como conclusão deste capítulo, talvez seja interessante a previsão do *The Global Gender Gap Report 2014*, que refere que, em 2095, talvez seja o ano da Igualdade de Género. Esta previsão do Fórum Económico Mundial calculou quantos anos faltam para a igualdade com base na evolução dos últimos nove anos.

3.1. O “lugar de fala” no comentário televisivo

O “lugar de fala”, segundo Moreira e Dias (2017), é um termo que emerge recorrentemente em conversas entre militantes de movimentos feministas, negros ou LGBTQ+, assim como em debates dispersos na internet e nos média sociais. O conceito

representa a procura do final da mediação: a pessoa que sofre preconceito fala por si, como protagonista da própria luta e movimento.

O termo “lugar de fala” terá tido origem por volta da década de 80 do século passado com o debate feminista americano, desconhecendo-se a data exata de aparecimento desta expressão. De uma maneira simplista e para melhor compreensão, o “lugar de fala” ou legitimidade para falar sobre feminismo, por exemplo, é das mulheres, o “lugar de fala” ou legitimidade para falar de racismo é dos negros, e por aí fora (Moreira & Dias, 2017).

Foucault (1999) disse que quer no jornalismo em geral, quer no telejornalismo em particular, “qualquer um não pode falar de qualquer coisa” (Foucault, 1999, p. 9), uma outra forma de reconhecer a legitimidade ou o “lugar de fala” de alguém falar sobre um determinado tema.

Para Almeida (2001), a expressão de “lugar de fala” é entendida como o posicionamento que o locutor ocupa numa cena, a partir do qual estabelece um contrato implícito de permuta simbólica de enunciados com os destinatários, conferindo-lhe a condição de palestrante autorizado a falar daquilo que fala e da maneira que fala.

Percebendo, como diz Ribeiro (2017), que o “lugar de fala” pressupõe uma interação social entre dois ou mais sujeitos, que se reconhecem como outros entre si, desde os seus corpos, o seu estatuto social e a sua visão de mundo, é possível explicitarem-se relações de poder, e descobrir o uso que as instituições fazem das identidades para oprimir ou favorecer.

De certa maneira, o “lugar de fala” reivindica a existência de um lugar de escuta, impõe a existência de um outro, e o reconhecimento de posições estruturais que classificam desigualmente os sujeitos (Medeiros, 2017).

Tendo em conta o tema do nosso estudo, e sendo o desporto uma atividade maioritariamente praticada e noticiada pelo sexo masculino, é aos homens que cabe a legitimidade para o comentar, ficando as mulheres impedidas de o fazer. Ou seja, o “lugar de fala” para comentar desporto caberia apenas aos homens. E isso limitaria seriamente o diálogo / troca de ideias / debate / comentário, pois as mulheres estariam afastadas desse “lugar de fala”, ficando impedidas de dialogar /trocar ideias / debater / fazer comentários sobre desporto.

Moreira e Dias (2017) afirmam que uma possível crítica à implementação por inteiro do “lugar de fala” num debate público, por exemplo, é que tal decisão restringiria a troca de ideias. As autoras aludem a uma entrevista que a ativista negra Joice Berth deu ao *Nexo*, na qual referiu que, não havendo lugar para que as pessoas contem como são as suas

vidas, com base nas suas próprias vivências, então, a experiência que vai prevalecer é a do homem branco, que é o privilegiado da sociedade.

Nesta perspectiva, o “lugar de fala” no comentário televisivo, e no que ao desporto diz respeito estaria completamente vedado às mulheres, sendo dominado pelo sexo masculino.

3.1.1. ‘Conversas’ de homens para homens

Vários autores como Connel (1995), Kunz (1993) e Louro (1997) referem-se ao desporto como meio de expressão da masculinidade.

De acordo com Altmann (1998), a associação do desporto à masculinidade varia de acordo com a modalidade desportiva da qual estejamos em presença; na escola, o futebol era um desporto considerado masculino e as imagens dos jogadores, independentemente de serem meninas ou meninos, eram associadas à masculinidade.

Num estudo sobre atletismo, publicado no jornal *Evolutionary Behavioral Sciences*, intitulado “Sex Differences in Sports Interest and Motivation: An Evolutionary Perspective”, Deaner *et al.* (2015) chegam à conclusão de que no desporto, o homem é mais competitivo do que a mulher.

Quando se aborda a questão do esforço físico, Sousa (2019) afirma que há a insistente tendência de o homem mostrar que é melhor que os seus opositores. E o autor equipara o homem a galos que querem mostrar quem é o rei da capoeira, resultando daí, relativamente à vertente competitiva, um maior interesse e atração. O autor levanta a questão de saber o porquê da diferença das distâncias de algumas provas de atletismo serem mais curtas na modalidade feminina do que na modalidade masculina, dando o exemplo das provas de corta-mato e de marcha. Interroga-se ainda sobre a diferença dos prémios monetários, com as provas masculinas a serem muito mais remuneradas que as provas femininas na mesma modalidade.

Ainda Sousa (2019), que clarifica que não se refere a diferenças de valores em ambos os sexos para a mesma classificação, especificando que a sua perplexidade é antes quanto ao encurtamento da tabela de premiados entre os dois lados que especialmente se verifica nos escalões de veteranos. Refere-se às provas em que para os Veteranos Masculinos criam escalões de prémios de 5 em 5 anos e para as Veteranas Femininas criam escalões de prémios de 10 em 10 anos, ou até mais. Uma decisão que suscita vezes sem conta grande insatisfação, causa estranheza, e, inevitavelmente, aparenta ser um caso óbvio de desigualdade.

Uma das razões que o autor adianta para o facto de as atletas femininas serem menos premiadas que os atletas masculinos pode residir na baixa participação de mulheres referindo a existência de um rácio de participação por género de 75/25%, e, porventura, até superior.

Numa seleção de 10 provas em que o autor participou – é maratonista - nos últimos anos (5 federadas e 5 comerciais), analisou os resultados e calculou a percentagem de participação dos dois géneros, tendo obtido os seguintes resultados, de acordo com a tabela seguinte:

Tabela 8 – Resultados da participação de ambos os sexos em 10 provas em que o autor participou.

| Prova | Tipo | Participação Feminina | Participação Masculina |
|---|-----------|-----------------------|------------------------|
| Corrida EDP Espinho 2018 | Comercial | 23.7% | 76.3% |
| S. Silvestre Espinho 2019 | Comercial | 21.5% | 78.5% |
| 5ª Corrida da República (Rio Tinto - 2018) | Comercial | 21% | 79% |
| 33º GP Atletismo Cidade de Estarreja (2018) | Federada | 20.8% | 79.2% |
| Corrida S. João do Porto 2018 (V. N. de Gaia) | Comercial | 19% | 81% |
| 5ª Corrida Fernanda Ribeiro (Maia - 2018) | Comercial | 17.3% | 82.7% |
| 4ª Corrida S. Tiago (Rio Meão - 2018) | Federada | 16% | 84% |
| 33ª Meia Maratona de Cortegaça (Ovar - 2017) | Federada | 13.1% | 86.9% |
| 19º GP Atletismo Vila de Mozelos (2018) | Federada | 12.5% | 87.5% |
| 28º GP Atletismo S. Paio de Oleiros (2016) | Federada | 11.1% | 88.9% |

Fonte: Sousa (2019) in <https://vidademaratonista.com/homem-mulher-atletismo-desporto-opiniao/>

Analisada a tabela, resulta de facto evidente um grande desequilíbrio no défice da participação das mulheres relativamente aos homens, e, para Sousa (2019), tal diferenciação pode ser ou resultante de hábitos e mentalidades que se impregnaram nas sociedades dos tempos que correm, ou se deve à essência do homem e da mulher.

Para Abreu (1995), as cambiantes de temperamento e de habilidades resultam não apenas de fatores biológicos, mas também de ordem cultural, e a Educação Física, elegendo o sexo como um critério de garantia de homogeneidade, disfarça a construção sociocultural das diferenças. Já Poovey (1988) argumenta que a oposição entre os sexos é uma construção social e não reflexo ou articulação de um facto biológico.

Mas vejamos agora alguns resultados a que chegaram Deaner *et al.* (2015) num estudo sobre a competitividade dos homens e das mulheres no atletismo, publicado no jornal *Evolutionary Behavioral Sciences*, intitulado “Sex Differences in Sports Interest and Motivation: An Evolutionary Perspective” e ao qual já fiz referência no início deste capítulo:

Tabela 9 – Alguns resultados do estudo de Deaner *et al.* (2015) publicado no jornal *Evolutionary Behavioral Sciences*.

| | TÍTULO | RESULTADOS |
|--|---|---|
| Estudo publicado no jornal <i>Evolutionary Behavioral Sciences</i> | “Sex Differences in Sports Interest and Motivation: An Evolutionary Perspective” Deaner <i>et al.</i> (2015) | - No desporto, o homem é mais competitivo do que a mulher; - A mulher tende a ver o desporto como forma de se manter ativa e em forma no seu dia-a-dia; - Os homens são três vezes mais susceptíveis de terem um problema físico a meio de uma corrida do que a mulher. |

Fonte: Autoria própria (com base no estudo de Deaner *et al.* publicado no jornal *Evolutionary Behavioral Sciences*)

Não deixa de ser interessante a resposta da jornalista Cláudia Lopes, quando lhe perguntaram numa entrevista ao blog de Ricardo Pinto se concordava ou discordava da afirmação de que o futebol continua a ser muito machista, ter dito que não considerava que fosse machista, mas um universo muito masculino.

Ainda relativamente à possibilidade de haver desvantagens que pudessem afetar as mulheres jornalistas no mundo do futebol, comparativamente com colegas do sexo masculino, Cláudia Lopes respondeu não acreditar nisso e antes pelo contrário, achar que as mulheres são mais bem tratadas, com mais atenção e mais educação.

Como conclui Sousa (2019), a questão da competitividade desportiva coloca a dúvida sobre uma disputa cega para sermos iguais em tudo, quando genuinamente somos diferentes em variadas coisas, enfrentamos as situações de formas diferentes e, no que toca à construção de uma sociedade/comunidade feliz e coesa, sem dúvida que um dos géneros é mais apto e talentoso do que outro para determinadas coisas/contextos e vice-versa.

3.2. Comentário desportivo na TV: mulher não entra

A baixa taxa de mulheres nas redações, em Portugal, tinha na sua base a elevada taxa de analfabetismo que se verificava, particularmente, por parte deste género, impedindo-as de fazer carreira no ramo (Pêgo, 2015). À mulher estavam reservadas funções atribuídas ao denominado “sexo fraco”.

Contudo, em 2011, reconhece-se que, na sociedade, o papel das mulheres sofre fortes mutações, nomeadamente, nos *mass media* (Vieira, 2011), mas, alguns anos antes, Camps (2001) referia numa obra sua que acreditava que a problemática do sexo feminino estava em revolução. Figueiras (2005) evidencia que na década de 80 do século passado havia uma participação escassa de mulheres e que a tendência era um aumento da participação feminina. Aliás, embora não sendo a questão central da sua investigação, a autora explora ainda a questão da relação homem/mulher no universo dos *opinion maker* na imprensa, sendo interessantes alguns dos resultados a que chega:

Tabela 10 – Alguns resultados a que a investigadora Rita Figueiras chega na sua investigação “Os Comentadores e os Media”.

| INVESTIGAÇÃO | UM DOS ASPETOS ESTUDADOS NA INVESTIGAÇÃO | RESULTADOS |
|---|--|---|
| “Os Comentadores e os Media” (Figueiras, 2005) | Levantamento da relação homem/mulher no universo dos <i>opinion maker</i> na imprensa. | <ul style="list-style-type: none">- Na década de 1980 há uma participação muito reduzida de mulheres;- Tendência de aumento da participação feminina;- Reconhecimento do peso diferente de homens e mulheres no espaço público que é o jornal;- No universo de estudo (1980), havia apenas três mulheres contra 16 que encontra no fim dessa década. |
| Observações: de acordo com Vieira (2011), este estudo é capaz de ser um dos poucos contributos que existem na questão do género no comentário. | | |

Fonte: Autoria própria com base na investigação “Os Comentadores e os Media” de Rita Figueiras (2005).

Vieira (2011) constata que a face do jornalismo está, efetivamente, a mudar, sendo indesmentível que a maioria dos cursos de Ciências da Comunicação, no mundo académico, tem predominância de alunas. Tese corroborada por Garcia (2009), quando refere que a percentagem de mulheres a frequentarem cursos universitários em 1960 era inferior a 30%, enquanto que na década final do século passado, a percentagem atingia os 60%. Vieira afirma mesmo que nas estações televisivas a presença masculina começa agora a ser uma minoria.

A problemática, agora, segundo alguns autores, é outra. Embora o sexo feminino tenha ganho mais espaços, o mesmo não quer dizer que domine no seio da profissão. Saínz

(2003) alerta que, pelo contrário, é principalmente pelas mulheres jornalistas que é sentida a precariedade que se vive na profissão. Vieira (2011) conclui que os lugares de destaque e dos centros de decisão continuam longe de ser ocupados pelas mulheres.

E Vieira (2011) socorre-se mesmo de Juan Luis Cebrián, considerado o decano dos jornalistas espanhóis, que terá afirmado serem poucas as mulheres que atingem as máximas responsabilidades de direção nos jornais, mesmo que a sua presença nas redações seja tão numerosa. Fazendo a análise ao exercício da autoridade e do poder, constata-se que a análise da composição por género dos cargos de direção evidencia que as jornalistas estão, em grande maioria, arredadas dos lugares de topo (Subtil, 2000). E Vieira (2011) sublinha que também nos espaços de comentário dos programas televisivos o sexo feminino não se faz notar. Aliás, a nossa análise traz resultados inequívocos, como explanaremos nos capítulos seguintes, no que refere ao comentário desportivo na televisão portuguesa, e salvo raras exceções, de facto, “mulher não entra” (Sá, 2019)³.

³ Conferência doutoral em Ciências da Comunicação, dia 14 de março de 2019, na Universidade da Beira Interior.

Capítulo IV.

Metodologia

4.1 Problema

A mulher tem hoje uma presença assídua nas redações e estúdios de televisão, mesmo que dificilmente em lugares de chefia. Contudo, é, especialmente, no comentário desportivo onde a igualdade de género continua a não se verificar. Neste estudo, pretendemos analisar, num arco temporal de cinco meses, se a participação das mulheres neste género de comentário televisivo está a registar alterações. E, se sim, quais.

4.2 Questões de investigação

Neste trabalho, procura-se dar resposta às seguintes questões:

Existe desigualdade de género nos programas de comentário/análise desportiva da televisão portuguesa, nomeadamente, nos canais SICNotícias, TVI24 e CMTV?

Existe desigualdade de género na apresentação desses mesmos programas de comentário/análise desportiva?

Existe discriminação (positiva ou negativa) nas redações desportivas quando as jornalistas são mulheres?

4.3 Método

O método consiste em análises qualitativas (entrevistas semiestruturadas) e quantitativas (dados estatísticos a partir de análise de conteúdo). São estas as duas estratégias de investigação, que os investigadores têm disponíveis. Apesar de serem diferentes quanto ao processo, em determinadas alturas elas podem complementar-se.

Na pesquisa quantitativa, a recolha de dados pode ser quantificada, sendo depois traduzida em números ou dados estatísticos (Dalfovo *et al.*, 2008; Diehl & Tatim, 2004).

A pesquisa qualitativa, segundo Diehl & Tatim (2004), é a mais indicada nas situações em que o investigador tem contacto mais direto com o objeto de estudo, por forma a compreender quais os fenómenos sociais que precedem o problema identificado.

No caso desta investigação, a opção recai na pesquisa qualitativa, por ser o método mais adequado, uma vez que se pretende trabalhar com dados qualitativos em vez de números.

Há, no entanto, desvantagens no método qualitativo, em que a tarefa de recolha e análise dos dados é predominantemente um ato de solidão e muito trabalhosa, dependendo em grande medida da forma como os dados são assimilados pelo investigador (Neves, 1996).

Foi, por isso escolhida a entrevista como forma de obtenção de dados, por permitir escutar, de viva voz, dos(as) intervenientes o seu ponto de vista (Yin, 2001). Como refere Pereira (2013), a entrevista impõe-se quando o objetivo é o de saber quais os sentimentos, as motivações, as opiniões dos elementos da amostra de estudo.

Análise de Conteúdo

Uma das técnicas de tratamento de dados na pesquisa qualitativa é a análise de conteúdo, (Câmara, 2013).

Como refere Bardin (2011, p. 47), análise de conteúdo significa um conjunto “de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Ainda Godoy (1995b), defende que segundo a perspectiva de Bardin, a análise de conteúdo consiste numa técnica metodológica para aplicar em diversos discursos e a todas as formas de comunicação.

Quando estamos perante entrevistas, procede-se à sua transcrição e a sua reunião constitui o *corpus* da pesquisa (Câmara, 2013). Nessa tarefa nada deve ser omitido, devendo esgotar-se a totalidade da comunicação (exaustividade) e por outro lado a amostra deve representar o universo (representatividade). Para indivíduos semelhantes devem adotar-se técnicas iguais para obter os dados, que devem ser selecionados por indivíduos semelhantes (homogeneidade). O conteúdo e objetivo da pesquisa, devem adaptar-se aos documentos (pertinência). Um elemento, seja ele qual for, não deve ser classificado em mais de uma categoria (exclusividade), (*ibid*).

Seguem-se uma segunda fase, ou fase de exploração do material, onde se escolhem as unidades de codificação, e por último uma terceira fase, onde se processa a análise de conteúdo (tratamento dos resultados) – inferência e interpretação (*ibid*).

Podemos concluir que na análise de conteúdos, embora as três fases devam ser seguidas, a maneira de as conduzir pode sofrer inúmeras variações (*ibid*).

4.3.1 Escolha da amostra

A opção foi, por um lado, analisar a programação de três canais televisivos, a SICNotícias, a TVI24 e a CMTV, relativamente a programas de comentário/análise desportiva, entre os dias 30 de setembro de 2019 e 31 de janeiro de 2020. Por outro lado, realizaram-se duas entrevistas nomeadamente ao subdiretor de informação da SICNotícias e a uma jornalista também da SICNotícias.

O objetivo das entrevistas é fazer a confrontação entre os resultados da análise de conteúdo efetuado durante cerca de 5 meses a programas de comentário/análise desportiva e as respostas dadas nessas mesmas entrevistas, quanto à possível discriminação das mulheres em ambiente de redação desportiva.

Quanto à entrevista ao subdiretor de informação da SICNotícias, é interessante termos na primeira pessoa a opinião de alguém que está num lugar de direção. Quanto à entrevista à jornalista da SICNotícias, é também importante obter de viva voz o testemunho de uma mulher que pode ou não ter sentido desigualdade de género.

4.3.2 Programas de comentário/análise desportiva

Efetuiu-se uma análise à programação dos mesmos canais relativamente a programas de comentário/análise desportiva, com a finalidade de tentar perceber a presença de mulheres nesses conteúdos programáticos.

Relativamente à SICNotícias, os programas analisados foram “O Dia Seguinte” e o “Playoff”, que passam em horário noturno (geralmente após as 22h00). Em relação à TVI24, os programas observados foram o “MaisFutebol” e o “Prolongamento”, também em horário noturno (geralmente após as 22h00). Por último, na CMTV analisámos o programa “Liga D’ouro”, que geralmente também dá em horário noturno, porém, em algumas situações, acompanham jogos de futebol em direto, prolongando depois a edição, sendo que o horário varia em função do horário dos jogos.

Esta mesma análise foi dividida em três fases, cujo resultado podemos observar na próxima tabela:

Tabela 11 – Fases de análise dos programas de comentário/análise desportiva.

| FASES | DIAS | CANAIS ANALISADOS |
|---------------|------------------|------------------------------|
| Primeira fase | 30 setembro 2019 | SICNotícias |
| | 1 outubro 2019 | TVI24 |
| | 2 outubro 2019 | CMTV |
| Segunda fase | 11 novembro 2019 | SICNotícias TVI24 CMTV |
| | 12 novembro 2019 | |
| | 13 novembro 2019 | |
| | 14 novembro 2019 | |
| Terceira fase | 12 janeiro 2020 | SICNotícias |
| | 13 janeiro 2020 | |
| | 17 janeiro 2020 | TVI24 / CMTV |
| | 24 janeiro 2020 | TVI24 |
| | 27 janeiro 2020 | SICNotícias / CMTV |
| | 28 janeiro 2020 | CMTV |
| | 31 janeiro 2020 | TVI24 |

Fonte: Autoria própria

Enquanto na primeira e segunda fases em cada dia foram analisados os três canais, na terceira fase que abrange sete dias, cada um dos canais foi analisado em três dias/vezes.

A SICNotícias foi analisada nos dias 12, 13 e 27 de janeiro de 2020;

A TVI24 foi analisada nos dias 17, 24 e 31 de janeiro de 2020;

A CMTV foi analisada nos dias 17, 27 e 28 de janeiro 2020.

A diferença da forma de análise das duas primeiras fases para a terceira fase tem a ver com o facto de em janeiro se ter começado a sentir o efeito da pandemia – Covid-19, em que a programação dos canais, principalmente a desportiva, sofreu alterações com a eliminação de muitos desses programas.

A análise consistiu em tentar perceber se nos programas de comentário/análise desportiva, havia lugar a comentadoras do sexo feminino.

4.3.3 Entrevistas

Foram preparados dois guiões de entrevistas semiestruturadas⁴: a Diretores de Informação e a jornalistas mulheres na editoria de desporto. Estas entrevistas têm como objetivos ouvir na primeira pessoa a opinião de quem exerce cargos de chefia em cada

⁴ Guiões completos em anexo

um dos canais relativamente à possível desigualdade de género em ambiente de redação desportiva.

Tabela 12 – Diretores de Informação que pretendíamos entrevistar.

| CANAIS DE TELEVISÃO | | | |
|---|---|--|---|
| | SICNotícias | TVI24 | CMTV |
| |  |  |  |
| (SUB)DIRETOR DE INFORMAÇÃO | Pedro Cruz | Sérgio Figueiredo | Octávio Ribeiro |

Fonte: Autoria própria

Em relação à tabela acima, de facto, apenas obtivemos a opinião/a resposta do subdiretor de informação da SICNotícias, Pedro Cruz.

O outro guião foi para aplicar a mulheres jornalistas que tivessem ligação com a área de desporto.

Tabela 13 – Mulheres jornalistas que pretendíamos entrevistar.

| CANAIS DE TELEVISÃO | | | |
|---------------------|---|--|---|
| | SICNotícias | TVI24 | CMTV |
| |  |  |  |
| JORNALISTAS | Filipa Pereira | Susana Bento Ramos | Mariana Águas |
| | Cristiana Borges | Rita Mendonça | Mariana Béu |
| | Cristiana Queirós Alves | Catarina Pereira | Neuza Padrão |

Fonte: Autoria própria

Em relação a esta tabela, apenas nos respondeu a jornalista da SICNotícias, Cristiana Queirós Alves.

Sendo a pesquisa qualitativa aquela que mais se coaduna com o apuramento de dados sobre as motivações de um grupo e como compreender e interpretar comportamentos, quase sempre alicerçada por entrevistas semiestruturadas em profundidade, analisamos as entrevistas efetuadas às chamadas testemunhas privilegiadas, que nos podem trazer contributos válidos à interpretação dos dados estatísticos em resultado da análise de conteúdo.

Segundo Godoy (1995), a etnografia, a pesquisa documental e o estudo de caso são os três tipos de pesquisa qualitativa.

Neste estudo, o que está em causa é exatamente estudar uma situação da vida real, quando há pouca possibilidade de controlar os fenómenos que estão a ser estudados. Ou seja, vamos procurar respostas para fenómenos que foram pouco estudados.

Yin (2001) diz mesmo que no estudo de caso, as entrevistas também são fontes essenciais de informação.

O nosso objetivo ao escolhermos a entrevista como uma das formas de obtenção de dados, foi poder escutar o ponto de vista da voz dos intervenientes.

4.3.4 Contratempos da investigação

Em relação aos programas de comentário/análise desportiva, os contratempos que surgiram estão relacionados com o vírus Covid-19, pois devido à pandemia, muitos jogos de futebol e de outras modalidades desportivas acabaram por ser cancelados ou adiados, o que fez com que muitos destes programas televisivos deixassem de ter conteúdos para analisar. É por causa disso que, na última fase da análise aos programas os dias de análise são diferentes para cada canal.

Relativamente às entrevistas, os dados obtidos, quer dos diretores de informação, quer às mulheres jornalistas de desporto, foram tratados com recurso ao software webQDA.

O webQDA é um programa que permite que tanto os dados não numéricos como os dados não estruturados sejam trabalhados num ambiente colaborativo e distribuído com base na internet (Souza, Costa, & Moreira, 2011), possibilitando um apoio ao investigador nas diversas fases do processo de investigação, sendo possível trabalhar e questionar os dados de modo fácil, com rapidez, objetividade e inflexibilidade.

Era nossa pretensão fazer as entrevistas presencialmente, contudo, o clima de pandemia veio dificultar essa vontade. Aos emails que remetemos a solicitar a colaboração nesta investigação, no dia 13 de maio de 2020, anexamos os guiões de entrevista quer dos diretores de informação, quer das mulheres jornalistas de desporto, onde também foram integrados os contactos pessoais da investigadora para qualquer contacto que entendessem ser necessário.

Quanto aos diretores de informação, apenas dois responderam, neste caso, Pedro Cruz, subdiretor da SICNotícias, responsável pela área desportiva do canal, e Sérgio Figueiredo da TVI24. Contudo, e relativamente à TVI24, pretendia-se entrevistar Sérgio Figueiredo,

no entanto, no dia 26 de maio 2020, foi rececionado um email do Gabinete de Apoio ao Diretor de Informação, com a sugestão de uma entrevista presencial na sede da TVI no dia 28 de maio de 2020. A investigadora respondeu no dia 27 de maio de 2020, sugerindo que a entrevista fosse realizada via plataforma digital (Skype ou Zoom). Nesse mesmo dia à tarde, a investigadora recebe uma resposta de aceitação da sugestão e envio do link Zoom para reunião no dia seguinte (28/05/2020), às 11h00.

No dia 28 de maio de 2020, cerca de dez minutos antes da hora da reunião, a investigadora recebeu uma chamada por parte do mesmo Gabinete a informar que Sérgio Figueiredo, devido a um imprevisto de última hora, não poderia dar a entrevista, dando, no entanto, a sugestão de entrevistar o subdiretor Pedro Pinto, pelas 11h30 desse dia, situação que foi aceite.

Após ter sido gerado um link novo para a reunião/entrevista via Zoom, por solicitação do já referido Gabinete, enviou-se um email com os dados necessários para Pedro Pinto poder entrar e responder às questões do guião de entrevista. A verdade é que acedemos ao link e esperámos mais de uma hora e meia sem que do outro lado alguém tenha aparecido ou dado qualquer justificação.

Devido ao imprevisto, remeteu-se novo email por volta das 12h45 a questionar se tinha surgido algum contratempo e como o poderíamos solucionar. Só voltámos a obter resposta por parte do mesmo Gabinete no dia 5 de junho de 2020 a informarem que não tinham visto esse último email e a dizerem que Pedro Pinto realmente não entrou na reunião pois teve um contratempo de última hora e que já não tinha possibilidade e tempo de me darem qualquer entrevista.

Quanto à CMTV, não houve qualquer resposta às minhas várias tentativas de contacto.

No que diz respeito às jornalistas, enviei os emails no dia 19 de maio de 2020, tendo obtido duas respostas, concretamente, da jornalista da SICNotícias Cristiana Queirós Alves, e da jornalista Mariana Béu, da CMTV.

A jornalista Cristiana Queirós Alves remeteu as respostas por escrito no dia seguinte (20/05/2020).

Quanto à jornalista Mariana Béu respondeu no dia 12 de junho de 2020, perguntando se ainda ia a tempo de responder às questões. Respondi afirmativamente, porém, até ao dia 22 de junho de 2020, finalização da dissertação, não houve qualquer respostas.

De todas as outras jornalistas que referi na tabela nº12, não obtivemos qualquer resposta.

Capítulo V.

Análise e discussão de resultados

5.1 Análise dos programas de comentário/análise desportiva

Na observação efetuada aos programas de comentário/análise desportiva, foram tidos em conta os seguintes dados: 1) quem era o apresentador/apresentadora do programa, 2) qual o seu conteúdo, 3) o tema principal abordado, 4) o tempo que cada comentador dispunha para falar de cada assunto, e, por último, 5) algumas observações que considerássemos mais relevantes durante a análise.

Tendo em conta os parâmetros da análise, condensou-se as informações/dados, como se pode verificar nas tabelas n.º 14, n.º 15 e n.º 16.

Tabela 14 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na SICNotícias no último dia de setembro e dois primeiros dias de outubro de 2019.

| DIA | CANAL | | |
|--|---|--|--|
| | SICNotícias | | |
| | 30 Set. 2019 | 1 Out. 2019 | 2 Out. 2019 |
| APRESENTADOR(A) | João Abreu | Neste dia estava previsto dar um programa de debate desportivo, porém o programa acabou por não dar. Em lugar deste, a SIC notícias transmitiu em direto um programa dedicado ao mau tempo que se verificava nos Açores. | Rosa Oliveira de Pinto |
| CONTEÚDO | Futebol | | Futebol |
| GÉNERO | Masculino | | Feminino |
| TEMA | Jogo do Sporting contra o Desportivo das Aves | | Análise do jogo do Benfica na Champions League |
| TEMPO | Cada comentador tem aproximadamente 5 minutos para falar sobre cada tema. | | A apresentadora só lança os temas de discussão, mas são os comentadores que comentam e dão a opinião. Cada comentador dispõe de aproximadamente 5 minutos para falar de cada tema. |
| OBSERVAÇÕES Presença de Comentador(a) | Programa constituído por um apresentador do sexo masculino e três comentadores do sexo masculino. | | Programa constituído por uma apresentadora e três comentadores do sexo masculino. |

Fonte: Autoria própria

Da Tabela n.º 14 resulta que a única presença feminina, que ocorreu no programa do dia 2 de outubro de 2019, com a presença da jornalista Rosa Oliveira de Pinto e na condição

de apresentadora do programa, onde se limita a lançar o(s) tema(s) de discussão, pouco ou nunca participando na discussão.

Outra nota de destaque é o facto de o conteúdo ser somente sobre futebol.

Realça-se ainda o facto de ter ocorrido uma alteração na programação inicialmente prevista, com a eliminação do programa desportivo agendado.

Tabela 15 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na TVI24 no último dia de setembro e dois primeiros dias de outubro de 2019.

| DIA | CANAL | | |
|--|---|--|---|
| | TVI24 | | |
| | 30 Set. 2019 | 1 Out. 2019 | 2 Out. 2019 |
| APRESENTADOR(A) | Joaquim Sousa Martins | Joaquim Sousa Martins | Joaquim Sousa Martins |
| CONTEÚDO | Futebol | Futebol | Futebol |
| GÉNERO | Masculino | Masculino | Masculino |
| TEMA | O pós jogo do Sporting - Desportivo das Aves | Análise dos jogos da Champions League | Análise dos jogos da Champions League |
| TEMPO | Cada comentador tem aproximadamente 2 minutos para falar. | Cada um, apresentador e comentador, abordam os temas e o tempo é repartido de forma igual pelos dois | Cada um, apresentador e comentador abordam os temas e o tempo é repartido de forma igual pelos dois |
| OBSERVAÇÕES Presença de Comentador(a) | Programa constituído por um apresentador do sexo masculino e por três comentadores do sexo masculino. | Programa constituído por um apresentador do sexo masculino e um comentador do sexo masculino. | Programa constituído por um apresentador do sexo masculino e um comentador do sexo masculino. |

Fonte: Autoria própria

Nesta Tabela n.º 15, uma vez mais, o futebol ressalta como conteúdo nos três dias de análise.

Não se verifica a presença de qualquer mulher, nem como apresentadora, nem como comentadora.

Tabela 16 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na CMTV no último dia de setembro e dois primeiros dias de outubro de 2019.

| DIA | CANAL | | |
|--|--|--|---|
| | CMTV | | |
| | 30 Set. 2019 | 1 Out. 2019 | 2 Out. 2019 |
| APRESENTADOR(A) | Mariana Águas | Mariana Águas | Paulo Oliveira Lima |
| CONTEÚDO | Futebol | Futebol | Futebol |
| GÊNERO | Feminino | Feminino | Masculino |
| TEMA | Jogo do Sporting - Desportivo das Aves (acompanhamento do jogo e do pós jogo). | Jogo do Benfica para a Champions League | Análise do jogo do Benfica na Champions League |
| TEMPO | Apresentadora só intervém para colocar questões aos comentadores e lançar novos temas para debate. | Apresentadora fala pouco tempo, lançando somente temas para a discussão e dividindo as questões pelos quatro comentadores. | Cada comentador dispõe de aproximadamente 5 minutos para comentar cada tema. |
| OBSERVAÇÕES Presença de Comentador(a) | Programa constituído por uma apresentadora e quatro comentadores do sexo masculino. | Programa constituído por uma apresentadora e quatro comentadores do sexo masculino. | Programa constituído por um apresentador do sexo masculino e quatro comentadores do sexo masculino. |

Fonte: Autoria própria

Na Tabela n.º 16, verificamos a presença por duas vezes da apresentadora Mariana Águas, mas uma vez mais, nenhuma mulher como comentadora.

Mesmo quando o número de comentadores por programa aumenta significativamente, continua a não haver lugar à presença feminina.

O conteúdo continua a ser o futebol.

Vejamos agora as Tabela n.º 17, Tabela n.º 18 e Tabela n.º 19, que se referem ao período relativo à segunda semana de novembro, ou seja, equivalente à segunda fase de análise destes programas:

Tabela 17 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na SICNotícias na segunda semana de novembro de 2019.

| DIA | CANAL | | | |
|--|--|--|---|---|
| | SICNotícias | | | |
| | 11 Nov. 2019 | 12 Nov. 2019 | 13 Nov.2019 | 14 Nov.2019 |
| APRESENTADOR(A) | João Abreu | João Abreu | Não deu nenhum programa dedicado ao desporto. | Não deu nenhum programa dedicado ao desporto. |
| CONTEÚDO | Futebol | Futebol | | |
| GÉNERO | Masculino | Masculino | | |
| TEMA | Análise da jornada de fim de semana de vários clubes europeus. | Análise da jornada 11 da Liga Portuguesa. | | |
| TEMPO | Cada comentador falou durante 3 minutos em cada tema abordado. | Conversa entre apresentador e comentador. | | |
| OBSERVAÇÕES Presença de Comentador(a) | Programa composto por um apresentador e três comentadores todos do sexo masculino, com uma rúbrica no final que contou a presença do mesmo apresentador e um comentador masculino. | Programa composto por um apresentador do sexo masculino e um comentador do sexo masculino. | | |

Fonte: Autoria própria

Verificamos agora na Tabela n.º 17, que nos dias 13 e 14 de novembro de 2019, na SICNotícias não deu qualquer programa de comentário/análise desportiva.

Por sua vez, nos dias 11 e 12 de novembro de 2019, o mesmo apresentador masculino e como comentadores apenas elementos do sexo masculino. O futebol continua a dominar o conteúdo das discussões.

Tabela 18 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na TVI24 na segunda semana de novembro de 2019.

| CANAL | | | | |
|--|--|--|--|--|
| TVI24 | | | | |
| DIA | 11 Nov. 2019 | 12 Nov. 2019 | 13 Nov. 2019 | 14 Nov. 2019 |
| APRESENTADOR(A) | Joaquim Sousa Martins | Henrique Mateus | Henrique Mateus | Catarina Cardoso |
| CONTEÚDO | Futebol | Futebol | Futebol | Futebol |
| GÉNERO | Masculino | Masculino | Masculino | Feminino |
| TEMA | Pós jogo do Santa Clara – Benfica. | Análise das contratações do Benfica. | Análise das contratações do Sporting. | Análise do jogo da seleção portuguesa. |
| TEMPO | Cada comentador falou durante 4 minutos em cada tema abordado. | Cada comentador falou durante 3 minutos em cada tema abordado. | Conversa entre apresentador e comentador. | Cada comentador dispõe de 2 minutos de cada vez que é chamado a intervir. |
| OBSERVAÇÕES Presença de Comentador(a) | Programa composto por um apresentador e três comentadores todos do sexo masculino. | Programa composto por um apresentador e três comentadores todos do sexo masculino. | Programa composto por um apresentador do sexo masculino e um comentador do sexo masculino também. | Programa composto por uma apresentadora do sexo feminino e três comentadores do sexo masculino. |

Fonte: Autoria própria

Nesta Tabela n.º 18, de análise à programação da TVI24, apenas por uma vez verificámos a presença feminina no dia 14 de novembro, em que o programa foi apresentado pela jornalista Catarina Cardoso.

Em três dias dos quatro analisados, o número de comentadores foi de três por programa, e uma vez mais, nenhuma presença feminina. O conteúdo voltou a ser dominado totalmente pelo futebol.

Tabela 19 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na CMTV na segunda semana de novembro de 2019.

| | CANAL | | | |
|--|--|--|--|--|
| | CMTV | | | |
| DIA | 11 Nov. 2019 | 12 Nov. 2019 | 13 Nov. 2019 | 14 Nov. 2019 |
| APRESENTADOR(A) | João Ferreira | Andreia Candeias | Paulo Lima | Mariana Águas |
| CONTEÚDO | Futebol | Futebol | Futebol | Futebol |
| GÉNERO | Masculino | Feminino | Masculino | Feminino |
| TEMA | Pós jogo do Santa Clara – Benfica. | Análise da jornada 11 da Liga Portuguesa. | Análise das contratações do Sporting. | Análise do jogo da seleção portuguesa. |
| TEMPO | Cada comentador falou durante 4 minutos em cada tema abordado. | Cada comentador falou durante 4 minutos em cada tema abordado. | Cada comentador falou durante 4 minutos em cada tema abordado. | Cada comentador falou durante 4 minutos em cada tema abordado. |
| OBSERVAÇÕES Presença de Comentador(a) | Programa composto por um apresentador e três comentadores todos do sexo masculino. | Programa composto por um apresentador e três comentadores todos do sexo masculino. | Programa composto por um apresentador e três comentadores todos do sexo masculino. | Programa composto por um apresentador e três comentadores todos do sexo masculino. |

Fonte: Autoria própria

A Tabela n.º 19 evidencia a presença de dois apresentadores masculinos, João Ferreira e Paulo Lima, e duas apresentadoras femininas, Andreia Candeias e Mariana Águas.

Nos quatro dias em análise aos programas desportivos da CMTV, cada programa contou com três comentadores, sem que se verifique a presença uma única vez de uma mulher nesses comentários.

O conteúdo continua a ser dominado pelo futebol.

Tabela 20 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na SICNotícias no mês de janeiro de 2020.

| | CANAL | | |
|--|--|--|--|
| | SICNotícias | | |
| DIA | 12 Jan. 2020 | 13 Jan. 2020 | 27 Jan. 2020 |
| APRESENTADOR(A) | Paulo Garcia | João Abreu | Paulo Garcia |
| CONTEÚDO | Futebol | Futebol | Futebol |
| GÉNERO | Masculino | Masculino | Masculino |
| TEMA | Análise da saída de Pedro Ribeiro da Belenenses SAD. | Análise do jogo entre Vitória de Setúbal e Sporting CP e análise da saída de Bruno Fernandes do Sporting CP. | Análise da crise interna do FC Porto. |
| TEMPO | Cada comentador dispõe de aproximadamente 3 minutos para falar. | Cada comentador dispõe de aproximadamente 3 minutos para comentar cada tema. | Cada comentador dispõe de aproximadamente 10 minutos para comentar cada tema. |
| OBSERVAÇÕES Presença de Comentador(a) | Programa composto por 1 apresentador do sexo masculino e 4 comentadores do sexo masculino. | Programa composto por 1 apresentador do sexo masculino e 3 apresentadores do sexo masculino. | Programa composto por 1 apresentador do sexo masculino e 4 comentadores do sexo masculino. |

Fonte: Autoria própria

Na Tabela n.º 20 temos nos três dias/programas apresentadores masculinos e, uma vez mais, com quatro comentadores em dois desses programas e três comentadores noutro dos programas, todos homens.

O conteúdo dos três programas voltou a ser exclusivamente o futebol.

Tabela 21 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na TVI24 no mês de janeiro de 2020.

| | CANAL | | |
|-----------------|--|---|---|
| | TVI24 | | |
| DIA | 17 Jan. 2020 | 24 Jan. 2020 | 31 Jan. 2020 |
| APRESENTADOR(A) | Pedro Ribeiro | Pedro Ribeiro | Pedro Ribeiro |
| CONTEÚDO | Futebol | Futebol | Futebol |
| GÉNERO | Masculino | Masculino | Masculino |
| TEMA | Liderança do Benfica na Liga Portuguesa. | Final da taça da Liga e da primeira jornada da segunda volta do campeonato. | Análise da vitória do Benfica frente ao Belenenses SAD. |

| | | | |
|--|---|---|---|
| TEMPO | Cada comentador dispõe de aproximadamente 3 minutos para comentar cada tema. | Cada comentador dispõe de aproximadamente 2 minutos para comentar cada tema. | Cada comentador dispõe de aproximadamente 3 minutos para comentar cada tema. |
| OBSERVAÇÕES Presença de Comentador(a) | Programa composto por 1 apresentador do sexo masculino, 5 comentadores do sexo masculino e uma comentadora do sexo feminino (Catarina Pereira). | Programa composto por 1 apresentador do sexo masculino, 3 comentadores do sexo masculino e uma comentadora do sexo feminino (Catarina Pereira). | Programa composto por 1 apresentador do sexo masculino, 2 comentadores do sexo masculino e uma comentadora do sexo feminino (Catarina Pereira). |

Fonte: Autoria própria

Nesta Tabela n.º 21 o apresentador foi masculino, sempre o mesmo (Pedro Ribeiro), e pela primeira vez encontramos uma mulher como comentadora (Catarina Pereira) que marcou presença nos três dias/programas em análise.

Contudo, verificámos que a primeira presença feminina entre comentadores, dentro da amostra de análise, acontece no dia 17 de janeiro de 2020, em que a presença de comentadores homens era de cinco. Nos dois dias seguintes da análise, a mesma presença feminina, contrasta com três comentadores homens num dia e dois comentadores homens no último dia. Uma vez mais, o futebol domina como conteúdo.

Tabela 22 – Análise dos programas de jornalismo desportivo na CMTV no mês de janeiro de 2020.

| | CANAL | | |
|------------------------|--|--|--|
| | CMTV | | |
| DIA | 17 Jan. 2020 | 27 Jan. 2020 | 28 Jan. 2020 |
| APRESENTADOR(A) | Mariana Águas | Mariana Béu | Mariana Béu |
| CONTEÚDO | Futebol | Futebol | Futebol |
| GÉNERO | Feminino | Feminino | Feminino |
| TEMA | Análise do jogo entre Sporting CP e Benfica. | Acompanhamento do jogo entre Sporting e Marítimo. | Análise do jogo entre FC Porto e Gil Vicente. |
| TEMPO | Cada comentador dispõe de aproximadamente 3 minutos para comentar cada tema. | Como o programa consistiu no acompanhamento do jogo, então acabou por ser uma conversa entre os vários comentadores sem tempo definido para cada um falar. | Cada comentador dispõe de aproximadamente 2 minutos para comentar cada tema. |

| | | | |
|--|---|--|--|
| OBSERVAÇÕES Presença de Comentador(a) | Programa composto por uma apresentadora do sexo masculino e 3 comentadores do sexo masculino. | Programa composto por uma apresentadora do sexo feminino e 3 comentadores do sexo masculino. | Programa composto por uma apresentadora do sexo feminino e 4 comentadores do sexo masculino. |
|--|---|--|--|

Fonte: Autoria própria

Por fim, a Tabela n.º 22, com a análise à CMTV, com as mulheres a dominarem totalmente a apresentação nos três dias da análise, e embora em dois dos dias/programas o número de comentadores ser de três em cada um deles e de quatro no último dia, nenhum dos convidados é do sexo feminino.

O conteúdo continua a ter como pano de fundo o futebol.

5.2 Análise das entrevistas

Análise ao Subdiretor de Informação da SICNotícias - Pedro Cruz⁵

Pedro Cruz, jornalista desde 1992, é licenciado em Ciências da Comunicação e trabalhou em rádios locais, no Diário de Notícias e na TSF. Entrou na SIC em 1998, foi chefe de redação da SIC no Porto e desde 2016, a convite do Diretor de Informação, Ricardo Costa, exerce funções de Subdiretor de Informação do canal.

Questionado se considerava ser mais difícil para uma mulher ser jornalista na área desportiva, foi perentório ao dizer que “hoje em dia, não”. Ao nível das repórteres, nos últimos anos, houve um crescimento exponencial no número de mulheres que cobriram a área do desporto. Diz mesmo que o que parecia “estranho” há uma década, está hoje completamente consolidado e não é sequer uma questão. Conclui que, quando, atualmente, pensa em contratar alguém para a área de desporto, o género deixou de ser questão.

Relativamente à questão se o desporto continua a ser visto como um conteúdo feito por e para homens, disse que “não”, referindo que “isto é um *achómetro* que o desporto, nomeadamente o futebol, continue a interessar muito mais ao público masculino do que ao público feminino”.

Ora, sendo que mais as mulheres concluem cursos de jornalismo ou similares, porque continuam elas a estar em minoria nas redações de média ligadas ao desporto? Respondeu que, da sua experiência, e enquanto subdiretor de informação responsável

⁵ 21/05/2020; via email

pelos estágios da SIC e do docente de Jornalismo, tem a ver com as preferências dos candidatos e não com nenhum tipo de segregação: “A maioria dos alunos e candidatas a estagiários homens prefere o Desporto como área de trabalho”, refere, contudo, “em o número inverso, no caso das mulheres, apenas uma minoria prefere os temas do Desporto”, conclui.

Questionou-se, então, se o défice terá a ver com o facto de as mulheres não terem tanto interesse pelo desporto ou por algum tipo de discriminação que ainda possa existir. Explicou que a “discriminação em função do género foi ultrapassada há mais de uma década”, contudo, diz que continua a ser uma questão de “escola” e “de gosto das jornalistas mulheres”, que preferem dedicar-se a temas mais sociais, culturais ou de política.

Foi depois questionado se achava que as notícias são escritas para um público masculino, tendo prontamente respondido que, na televisão, não sente isso.

Por fim, questionou-se se quando as notícias de desporto são escritas, escrevem-nas para um público masculino. Respondeu que “não necessariamente”. Os textos televisivos são curtos, e, por norma, não são nunca escritos em função do género dos telespectadores.

Análise à Jornalista de desporto da SICNotícias – Cristiana Queirós Alves⁶

Cristiana Queirós Alves, é mestre em Jornalismo, tendo exercido diversas profissões antes de ser jornalista. Desses trabalhos, uns mais temporários, outros com maior longevidade, destaca as funções que exerceu numa clínica de estética, onde foi responsável pelo departamento de comunicação e fez promoção em vários eventos. A entrada na SIC, foi resultado de um estágio, onde e pela área do desporto no jornalismo. Teve depois uma proposta da SportTV, onde trabalhou durante nove meses como produtora editorial e fez algumas peças e reportagens. Regressou à SIC em 2018 para a equipa de desporto.

Questionada sobre a escolha do jornalismo desportivo respondeu que o desporto “sempre fez parte” da sua vida. Praticou atletismo e voleibol, mas enquanto espectadora era o futebol que captava a sua atenção. Ia a jogos acompanhada pelo pai e estudou, durante o secundário, em frente a um estádio da Primeira Liga de futebol, onde assistia de perto à dinâmica dos treinos, dos jogos e das grandes competições. Assim que foi estagiar para a SIC mostrou logo vontade de ir para a editoria de desporto, o que aconteceu.

⁶ 20/05/2020; via email

Colocou-se depois a questão de saber se pelo facto de ser mulher, foi mais difícil ingressar no meio. Disse que apesar da evolução “temos que reconhecer que, uma mulher continua a despertar algum ceticismo em algumas situações”. Sente, por isso, que tem de “mostrar mais vezes o que sabe”, tem de defender mais as suas ideias. Acrescenta que a desconfiança é mais notória numa fase inicial da carreira, em que se chega a um cenário onde os homens predominam sobre as mulheres. Contudo, na SIC, a experiência foi diferente, até porque a editora de desporto é mulher, a coordenadora dos jornais de desporto também é mulher, e há outras mulheres na equipa.

Foi perguntado depois, como foi a integração na altura em que chegou à redação, tendo dito que “foi boa e muito fácil”. Diz ter sido bem recebida pela editoria e por todas as outras. Enquanto estagiária, sentiu sempre muito apoio dos colegas, todos a ensinaram e ajudaram a evoluir. Quando regressou para trabalhar e entrar na equipa de desporto foi exatamente igual; os processos mudam um bocadinho de televisão para televisão e voltou a aprender os da SIC, razão pelo que os colegas foram essenciais. O facto de ser mulher nunca fez diferença na forma como a receberam e a ajudaram.

Já quanto às dificuldades que surgiram, respondeu que, de uma forma inicial, foi perceber as dinâmicas de tudo, “pois quando entramos num trabalho novo, que acarreta tanta responsabilidade, temos necessariamente de interiorizar bem os processos de como é que se faz”. E continua: “No dia a dia, vão sempre surgindo desafios, e ainda bem, porque é esse o encanto, claro que, passar da teoria à prática muda tudo. No terreno, por mais dificuldades que surjam, o trabalho tem que ser feito.” Refere, ainda, que teve colegas “impecáveis”, que a orientaram e partilharam experiências e, por isso, minimizaram as dificuldades que pudesse estar a sentir.

Questionou-se depois, se pelo facto de ser uma mulher a ingressar na área do desporto, uma área muito dominada pelos homens, teve alguma dificuldade acrescida relativamente aos seus colegas do sexo masculino. Respondeu ter sentido que em alguns momentos teve de “mostrar” que percebia de futebol. Que sabia do que estavam a falar, e sobretudo que sabia o que estava a dizer.

Disse ainda que o futebol não surgiu nos seus interesses recentemente, mas que acompanha o desporto de forma geral e o futebol em particular desde que se lembra. É “fácil” cair na piada de ser mulher num mundo de homens e sente que de vez em quando as mulheres têm de se impor: “Em algumas situações, temos de defender mais as nossas ideias ou as nossas perguntas perante alguns homens, que, à partida (raríssimos casos felizmente) se mostram resistentes a reconhecer o valor de uma pergunta feita por uma mulher”.

Já se o desporto continua a ser visto como um conteúdo feito por e para homens, a jornalista respondeu que “não”, destacando que “Há cada vez mais mulheres (e ótimas profissionais) que quebram esse estigma, não só no que diz respeito ao jornalismo, mas em todas as vertentes do desporto”.

Em relação ao facto de serem mais mulheres a concluírem cursos de jornalismo ou similares, e, mesmo assim, continuarem a estar em minoria nas redações de média ligadas ao desporto, a jornalista entende que as mulheres “têm conquistado esse espaço, não só pelo aproveitamento nas universidades, mas também porque agora são dadas às mulheres oportunidades de exercer trabalhos que durante muito tempo foram associados a homens”. Contudo, refere que, “ainda que essa diferença que ainda existe (ainda que cada vez menos) e, tem muito que ver com heranças passadas”. Durante muitos anos, o jornalismo desportivo “era para os homens, as redações eram dominadas por homens” e só mais tarde é que as mulheres “entraram nesse mundo”, daí a diferença nos números.

Se algum vez sentiu discriminação negativa ou positiva pelo facto de ser mulher, respondeu que discriminada “não”, mas, sublinha que está sujeita “a piadas que, por vezes, colocam em causa” o seu profissionalismo. Diz que, na rua, por exemplo, em certas entrevistas a adeptos, é comum passar por situações que não se verificariam se fossem homens: “Se não gostarem de alguma pergunta, o recurso à justificação é mulher, não percebe nada disto é mais usado”. Acredita que cabe à mulher “desmistificar” essa ideia, que, felizmente é cada vez menos visível”, conclui.

Perguntado como se explica o facto de as mulheres continuarem em minoria no jornalismo desportivo, respondeu que acha que é “sobretudo por uma questão de interesses pessoais”. Diz ser “verdade” que são mais mulheres a concluírem os cursos de jornalismo e também são cada vez mais mulheres que “mostram gosto pelo desporto”, contudo, “nem sempre foi assim. Diz mesmo já ter passado por duas redações e em ambas existirem várias mulheres a fazer jornalismo desportivo, pelo que, acredita que, no futuro, essa diferença, deixará de existir”.

Questionada se essa diferença pode ser justificada pelo facto de as mulheres não terem tanto interesse pelo desporto ou ainda por algum tipo de discriminação, respondeu, “exatamente”, mas que “isso também está a mudar e ainda bem”. Diz que já não faz sentido há muito tempo distinguir profissões para homens e mulheres: “Profissões e tudo o resto, mas, neste caso, estamos a falar de jornalismo desportivo, e a verdade é que, se ligarmos a televisão em qualquer canal que passe notícias de desporto, vemos que há cada vez mais mulheres.”

Perguntou-se, então, se na redação, quando escrevem as notícias de desporto, as escrevem para um público masculino. Foi perentória ao dizer: “não, de todo”. E contextualizou: “Escrevemos as notícias para o público em geral, de forma a que todos as compreendam, homens, mulheres, mais novos, mais velhos, mais ou menos instruídos, com mais ou menos conhecimentos de desporto”. Afirma que essa é a função do jornalismo, informar todos. Se existisse distinção de géneros nesse sentido, sublinha, “estaria tudo muito errado”.

Por fim, procurou saber-se em relação aos principais intervenientes desportivos, se alguma vez sentiu discriminação por parte de jogadores, treinadores ou dirigentes pelo facto de ser mulher. Respondeu crer que “existe uma maior curiosidade, às vezes; curiosidade pelo interesse que as mulheres têm pelo desporto, pela forma como vão conduzir as coisas”. Poderá existir alguma relutância, mas no caso da entrevistada, nunca sentiu que ser mulher influenciasse uma entrevista ou uma reportagem com esses intervenientes.

5.3 Discussão de resultados

Neste capítulo começaremos por abordar os resultados relativos à análise dos programas de comentário/análise desportiva dos três canais aqui em apreciação. Iremos começar por apurar os resultados possíveis de extrair das tabelas n.º 14 à n.º 22. Assim, e por forma a termos uma visão global dos dados apresentados nas referidas tabelas, os resultados são os seguintes:

Tabela n.º 23 – Resumo das tabelas n.º14 à n.º 22

| | CANAL | | | TOTAL |
|---|-------------|-------|------|-------|
| | SICNotícias | TVI24 | CMTV | |
| DIAS ANALISADOS | 10 | 10 | 10 | 30 |
| DIAS SEM PROGRAMA DESPORTIVO | 3 | 0 | 0 | 3 |
| PRESENCAS MASCULINAS NA APRESENTAÇÃO | 6 | 9 | 3 | 18 |
| PRESENCAS FEMININAS NA APRESENTAÇÃO | 1 | 1 | 7 | 9 |

| | | | | |
|---|----|----|----|----|
| PRESENCAS MASCULINAS NO COMENTÁRIO | 22 | 26 | 34 | 82 |
| PRESENCAS FEMININAS NO COMENTÁRIO | 0 | 3 | 0 | 3 |
| CONTEÚDO | 10 | 10 | 10 | 30 |

Fonte: Autoria própria

Como podemos verificar, o futebol dominou o conteúdo em todos os dias/programas analisados nos três canais. Quando alguma outra modalidade era mencionada, tal acontecia de forma pontual e, muitas vezes, para justificar o conteúdo base - Futebol.

No que diz respeito à apresentação dos programas de comentário/análise desportiva dos três canais analisados, o rácio é de 18 presenças masculinas para apenas 9 presenças femininas. A presença masculina na apresentação é, por isso, o dobro da presença feminina. Destaque para a CMTV que, neste capítulo, apresenta três presenças masculinas para 7 presenças femininas. É o único canal em que o número de mulheres na apresentação dos programas supera o número de homens. A SICNotícias e a TVI24, apenas um dia/programa foi apresentado por uma mulher jornalista.

Quanto ao comentário desportivo, a diferença é muito significativa. O rácio é de 82 presenças masculinas, para apenas 3 presenças femininas. Salienta-se a TVI24 com 3 presenças femininas entre os comentadores dos seus programas, enquanto a SICNotícias e a CMTV não registaram a presença de qualquer mulher entre os comentadores dos seus programas. O que se confirma uma clara desigualdade de género nesta área.

Quanto às entrevistas, e na impossibilidade de poder confrontar respostas dos diversos diretores de informação e de mais mulheres jornalistas que pretendíamos entrevistar, iremos confrontar as respostas do subdiretor de informação da SICNotícias com a jornalista também da SICNotícias.

Nas duas entrevistas desta investigação, verificamos haver discordância entre o que é referido por Pedro Cruz e por Cristiana Alves nos seguintes aspetos:

- Pedro Cruz considera que hoje em dia **não é difícil para uma mulher ser jornalista na área desportiva**; Cristiana Alves considera **haver uma evolução, mas a mulher continua a despertar algum ceticismo em algumas situações, que tem de mostrar mais vezes o que sabe e que tem de defender mais as suas ideias.**

- Pedro Cruz justifica o facto de as mulheres estarem em minoria nas redações de média ligadas ao desporto, havendo mais mulheres a concluírem cursos de jornalismo e similares, **com base nas preferências que cada um tem, sendo que refere, no caso das mulheres, apenas uma minoria prefere os temas de desporto**; Cristiana Alves, por seu lado, diz que **a diferença que ainda existe (ainda que cada vez menos) e que tem muito que ver com heranças passadas, pois durante muitos anos o jornalismo desportivo era para os homens, as redações eram dominadas por homens e só mais tarde é que as mulheres entraram nesse “mundo”**.

Por outro lado, existe concordância nos seguintes pontos:

- Pedro Cruz diz que **o desporto não é visto como um conteúdo feito por e para homens. Refere ainda que não é correto pensar-se que o desporto, nomeadamente o futebol, continua a interessar muito mais ao público masculino do que ao público feminino**; Cristiana Alves também entende que não, e que **“há cada vez mais mulheres (e ótimas profissionais) que quebram esse estigma, não só no que diz respeito ao jornalismo, mas em todas as vertentes do desporto”**.
- Pedro Cruz diz que **não sente que na televisão as notícias desportivas sejam escritas para um público masculino**; Cristiana Alves também diz que não. **As notícias são escritas para o público em geral de forma a que todos as compreendam. Diz mesmo que essa é a função do jornalismo, informar todos.**

Capítulo VI.

Conclusões, Limitações à Investigação e Investigação Futura

6.1 Conclusões

Quanto à primeira questão de investigação colocada verifica-se que existe desigualdade de género nos programas de comentário/análise desportiva da televisão portuguesa. O rácio é de 82 presenças masculinas, para apenas 3 presenças femininas.

Quanto à segunda constata-se também uma desigualdade de género na apresentação desses mesmos programas de comentário/análise desportiva. No que diz respeito à apresentação dos programas de comentário/análise desportiva dos três canais analisados, o rácio é de 18 presenças masculinas para apenas 9 presenças femininas. A presença masculina é por isso o dobro das presenças femininas.

Por último, quanto à terceira questão de investigação, continua a verificar-se uma discriminação negativa das mulheres jornalistas nas redações desportivas. Ambos os entrevistados responderam que as mulheres estão em minoria nestas redações.

Não se confirma a tese de Pinheiro (2008) no que diz respeito à justificação de que, pelo motivo dos jornalistas desportivos serem em grande número do sexo masculino, haver impacto no tipo de cobertura jornalística que é feita. Pelo contrário. O público alvo é geral e não preferencialmente do sexo masculino, como indiciam as entrevistas.

Não se confirma também o defendido por Jacinto *et al.* (2015) e Araújo (2017). Ora, a presença feminina nas redações de desporto já é menos distante da do homem.

Também se confirmou que o desporto feminino ainda denota um enorme défice de cobertura mediática e que o tema futebol masculino domina o jornalismo nas redações desportivas e os programas de comentário desportivo.

Concluimos também que quando surge a primeira mulher como comentadora, tal acontece num programa em que o número de comentadores do sexo masculino também subiu exponencialmente. Nesse programa, os comentadores do sexo masculino eram 5 para apenas uma mulher comentadora.

Podemos concluir ainda que os dois entrevistados nesta investigação concordam que o desporto não é visto como um conteúdo feito por e para homens.

Também ambos estão de acordo em que na televisão as notícias desportivas sejam escritas especificamente para um público masculino.

Concluimos que não houve convergência relativamente à facilidade/dificuldade para uma mulher ser jornalista na área desportiva.

Ainda quanto à justificação para o facto de embora haver mais mulheres a concluírem cursos de Jornalismo e similares, em contraponto com o número reduzido de mulheres nas redações de média ligadas ao desporto, ambos os entrevistados emitiram opiniões não concordantes.

Como referiu Coelho (2003): “uma mulher que parece entender de desporto continua a ser vista como acaso curioso”. Tal asserção retira-se das declarações de Cristiana Alves quando refere que, por exemplo, “em certas entrevistas a adeptos, é comum passar por situações que não se verificariam se fossem homens”. E conclui com um indício claro de permanência de desigualdade: “Se [os entrevistados homens] não gostarem de alguma pergunta, o recurso à justificação ‘é mulher, não percebe nada disto’ é mais usado.”

Em suma, este estudo indicia alguns avanços no caminho da equidade, contudo, ainda muito escassos e ténues, com perceções muitas vezes equivocadas sobre o que é, afinal, um contexto de equidade no desporto, nas redações desportivas e no comentário desportivo na televisão.

6.2 Limitações à Investigação

Neste capítulo, salientamos como grande limite a este estudo a sua reduzida amostra nas entrevistas, apenas duas. De facto, apenas um diretor de informação e uma jornalista terem acedido à entrevista, sendo os dois da mesma entidade de média, dificulta uma perceção mais abrangente, relativamente ao universo aqui em estudo.

Também relativamente às jornalistas, poder-se-ia tentar perceber se a opinião de cada uma delas tinha cabimento no comportamento que os canais televisivos a que pertencem registam na análise a esses programas desportivos. E ainda, se a opinião dos seus diretores de informação é consentânea com a de cada uma delas.

6.3 Investigação Futura

São algumas as possibilidades de linhas de investigação futura. A primeira poderia partir de uma análise a um conjunto alargado e diversificado de estudantes universitários dos cursos de Jornalismo e similares, para se perceber se, de facto, o número de mulheres nesses cursos interessadas pela área de desporto é, na realidade, menor que as mulheres interessadas em outras áreas de jornalismo.

É, ainda, pertinente um estudo deste género, com uma amostra mais vasta, seja no que diz respeito aos diretores de informação, seja ainda relativamente às mulheres jornalistas.

Referências

- Abreu, N. G. (1995). *Análise das percepções de docentes e discentes sobre turmas mistas e separadas por sexo nas aulas de Educação Física escolar*. In: Romero, Eliane (Org.) *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1995b. p. 157-176.
- Allan, S. (2005). *Journalism: Critical Issues*. Londres: McGraw – Hill Education (UK).
- Alexandrino, V. A. (2011). *A mulher no jornalismo esportivo: análise da participação feminina no telejornalismo brasileiro*. Disponível em <http://livros01.livrosgratis.com.br/ea000951.pdf> [consultado em 29-04-2020]
- Almeida, J. (1999). *Lugar de fala, polissemia e paráfrase nos discurso de FHC e Lula sobre o Plano Real*. In: Ícone, Recife, I (4):168-202.
- Andringa, D. (2014). *Imaginário e realidade*. In J. Rebelo (org.), *As novas gerações de jornalistas em Portugal*. Lisboa: Editora Mundos Sociais. pp. 73-81.
- Altmann, H. (1998). *Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física*. Dissertação apresentada ao Curso de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Belo Horizonte - Faculdade de Educação da UFMG.
- Araújo, J. P. A. (2017). *Olhares sobre as mulheres no jornalismo desportivo: O caso do jornal Record*. Instituto Politécnico de Lisboa, pp. 1-89.
- Associação Portuguesa a Mulher e o Desporto, (2009). *Igualdade de Género no Desporto. Educação e Políticas Públicas*. Edição: Paula Botelho Gomes, Paula Silva e Isabel Cruz. 3º Congresso Internacional Mulheres e Desporto. Apoio: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Presidência do Conselho de Ministros. p. 118.
- Baleizão, A. (2013) *Comunicação no Desporto: Estratégia de Relações Públicas para a divulgação da Natação Sincronizada em Portugal*, pp. 1-174.
- Bardin, I. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Betti, M. (1997). *A Janela de vidro: Esporte, televisão e Educação Física*. Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de DOUTOR em Educação na Área de Concentração: "Filosofia e História da Educação" à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. p. 278.

- Boutilier, M. A. E., Sangiovanni, L. (1983) *The Sporting Woman*. Champaign, IL.: Human Kinetics, pp. 183-218.
- Burton, L. (2015). Underrepresentation of women in sport leadership: A review of research”. *Sport Management Review*, 18, 150-165. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1441352314000175>, acessado em 18 de março de 2020.
- Cahn, S. (1993) From the “muscle moll” to the “butch” ballplayer: mannishness, lesbianism and homophobia in U. S. Women’s sport. *Feminists studies*, vol.19, n.º2, pp. 41-45.
- Câmara, R. H. (2013). Análise de conteúdo: Da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (2). Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Brasília, Brasil. Julho – Dezembro, pp. 179-191.
- Camps, V. (2001). *O século das mulheres*. Lisboa: Editorial Presença.
- Carter, Meg, Turner, Mimi, e Paton, Maureen (2018). Real Women – The Hidden Sex. Disponível em: <https://womeninjournalism.co.uk/real-women-the-hidden-sex/>. Acessado a 22 de março de 2020.
- Cashmore, E. (1990) *Making Sense of Sport*. Londres e New York: Routledge, pp. 141-147.
- Cerqueira, C. (2008). “A Imprensa e a Perspetiva de Género. Quando elas são notícia no dia Internacional da Mulher” *OBS 2*, 2. 139-164.
- Cerqueira, C. (2014) Os média, os públicos e os discursos de género: (in)visibilidades, linguagens e protagonistas. Pág. 7-34.
- Chambers, D.; Steiner, L.; Fleming, C. (2004). *Women and Journalism*. Londres: Psychology Press.
- Chinurum, J. N.; Ogunjimi, L. O.; O’Neill, C. B. (2014) *Gender and Sports in Contemporary Society*. *Journal of Educational and Social Research*, vol. 4, nº 7, pp. 25-30.
- Clarke, A.; Clarke, J. (1982) *Highlights and Action – Ideology, Sport and Media*. In Hargreaves, J. (ed) *Sport, Culture and Ideology*. Londres, Boston, Melbourne e Hanley: Routledge e Kegan Paul, pp. 62-87.

- Coakley, J. (1982) *Sport in Society – Issues and Controversies*. St. Louis, Toronto e Londres: The C. V. Mosby Company, pp. 165-166.
- Coelho, P. V. (2003). *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto.
- Connel, R. (1995). *Políticas da masculinidade. Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206.
- Constantino, J. M. (1992) *O Desporto e a Comunicação Social*. In *Revista Horizonte*, Vol. VIII, nº 48, pp. 203-207.
- Costa, A. P.; Linhares, R.; Neri de Souza, F. (2012). *Possibilidades de análise qualitativa no webQDA e colaboração entre pesquisadores em educação em comunicação*. 3º Simpósio – Educação e Comunicação. In: *Infoinclusão: possibilidades de ensinar e aprender*. Edição Internacional. Anais. pp. 276 – 286.
- Crossman, J.; Hyslop, P.; Guthrie, B. (1994) *A Content Analysis of the Sports Section of Canada's National Newspaper with Respect to Gender and Professional/Amateur tatus*. In *International Review for the Sociology of Sport*, Vol. 29, nº2, pp. 123-131.
- DaMatta, R. (2001). “O significado do esporte na sociedade moderna e do futebol no Brasil”. In: *Seminário de Comunicação do Banco do Brasil – Espaços na Mídia*. Brasília: Banco do Brasil.
- Dalfovo, M. S. & Lana, R. A.; Silveira, A. (2008). *Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico*. Disponível em [https://www.academia.edu/7479379/Metodos quantitativos e qualitativos um resgate teorico](https://www.academia.edu/7479379/Metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico). Acedido em 22/06/2020.
- Deaner, R. O.; Balish, S. M.; & Lombardo, M. P. (2015, April 27). *Sex Differences in Sports Interest and Motivation: An Evolutionary Perspective*. *Evolutionary Behavioral Sciences*. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/ebs0000049>
- Diehl, A. A.; Tatim, D. C. (2004). *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Duncan, M. C. (1990). *Sports photographs and sexual difference: Images of women and men in the 1984 and 1988 Olympic Gmes*. *Sociology of Sport Journal*, 7, 22-43.

- Duncan, M. et al. (1994). *Gender Stereotyping in Televised Sports*. In Birrell, S.; Cole, C. (ed.) *Women, Sport and Culture*. Human Kinetics, 249-272.
- Eco, U. (1998). *Sobre a imprensa. Cinco escritos morais*. Viseu: Difel, pp. 55-88.
- Eitzen, D. S.; Sage, G. H. (1993) *Sociology o North American Sport*. Dubuque, Indianapolis, Australia, Inglaterra: Brown e Benchmark Publishers, pp. 273-295.
- Entman, R. M. (1993). Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. *The Journal of Communication*, 43(4). 51-58.
- Entman, R. M. (2007). *Framing bias: Media in the distribution of power*. *The Journal of Communication*, 57, 163-173.
- Esteves, J. P. (1999). *Os media e a questão da identidade – sobre as leituras pós-modernas do fim do sujeito*. Lisboa: Universidade Nova.
- Everhart, R. B.; Cynthia, L. A. P. (2007). *Advancing women in leadership. The institutionalization of a gender biased sport value system*. Acedido em http://www.advancingwomen.com/awl/winter2001/everhart_pemberton.html [consultado em 02-05-2020].
- Expresso Revista (1997, Maio 24). *Que televisão temos?*. Dossier nº 1282
- Fasting, K. (2004), *Female Athletes Experiences of Sexual Harassment*, in: Kugelmann, Pfister & Zipprich (Ed.), *Geschlechterforschung im Sport. Differenz und/oder Gleichheit*, dvs, Volume 143, Hamburg.
- Fernandes, J. L. (2008). *Motivações e modos de acesso na profissão de jornalista*. *Trajetos*, 12. pp. 97-115.
- Ferrando, M. G. (1990) *Aspectos Sociales del Deporte*. Consejo Superior de Deportes, Alianza Editorial, pp. 112-115.
- Figueiras, R. (2005). *“Os comentadores e os media”*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Foucault, M. (1999). *A ordem do discurso*. 5.ed. (tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio). São Paulo: Loyola, 1999.
- Freire, P. F. M. (2016), *Atleta: substantivo feminino*. Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais, pp. 1-91.
- Garcia, J. L. (2009). *Estudos sobre os jornalistas portugueses: metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI*. Lisboa: ICS, pp. 93-95.

- Gill, R. (2011). Sexism reloaded, or, it's time to get angry again!. *Feminist Media Studies*, 11(01). pp. 61-71. Acedido em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14680777.2011.537029> [consultado em 02-05-2020].
- Giulanotti, R. (2007). "Gender Identities and Sexually in Sport" in Giulianotti, Richard, *Sport: A Critical Sociology*. Cambridge: Polity, 80-101.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa – Tipos fundamentais. ERA – Revista de Administração de Empresas, vol. 35. n.º 3. pp. 20-29.
- Gunter, B.; Svennevig, M. (1987). Behind and in front of the screen, television's involvement with family life. London: John Libbey.
- Hardin, M.; Lynn, S.; Walsdorf, K.; Hardin B. (2002). *The framing of sexual difference in SI for Kids* editorial photos. *Mass Communication & Society*, 5(3), 341-359.
- Hargreaves, J. (1990) *Sport, Power and Culture*. Polity Press, pp. 138-160.
- Helal, R. (1990). *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- Humm, M. (1990). *The dictionary of feminist theory*. Ohio: State University Press.
- International Labour Organization. (2015) Women in Business and Management Global Report. Disponível em: www.ilo.org/publns. Acedido em 23 de março de 2020.
- Jacinto, E.; Marques, L.; Almeida, C.; Carvalho, M. J. (2015), A Igualdade de Género no Desporto. Valorizar Socialmente o Desporto: um Desígnio Nacional - 5. Comité Olímpico de Portugal.
- Jaime, G. F. C. C. (2010). *O triunfo do homem nas crónicas desportivas de Nelson Rodrigues: Do discurso teatral aos "idiotas da objetividade", passando pelo paradoxo jornalismo/literatura*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação – Área de Estudo dos Media e Jornalismo. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.
- John, V. M. (2014). *Jornalismo esportivo e equidade de género: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012*. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n2p498/28241> [consultado em 02-05-2020].

- Kunz, M. C. S. (1993). *Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da Educação Física*. Dissertação, Mestrado em Educação. Florianópolis: UFSC.
- Van Zoonen, L. (1998). *One of the girls? Or the changing gener of journalism*. In C. Carter, G. Branston, & S. Allen (Eds.), *News, gender and power*. London: Routledge. (pp. 33-56).
- Lopes, F.; Loureiro, L. M.; Vieira, P. (2011). *A confraria do comentário do futebol na TV: evolução dos programas televisivos feitos com adeptos dos maiores clubes portugueses*. Observatório (OBS) Journal, vol.5 – n.º 4, pp. 237-350.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- Marcela, A. (2020, janeiro 3). *O que mais viram os portugueses na TV o ano passado? Futebol domina os programas preferidos pelos portugueses, seguem-se novelas e reality shows. Mas há uma reportagem entre os mais vistos do ano*. Dinheiro Vivo, Media. In: <https://www.dinheirovivo.pt/empresas/o-que-mais-veem-os-portugueses-na-tv-o-ano-passado/>. Acedido em 05/04/2020.
- Marcondes Filho, C. (1988). *Televisão; a vida pelo vídeo*. São Paulo, Moderna.
- Marshment, M. (1993). *The picture in political: representation of women in contemporary popular culture*. In D. Richardson & Robinson (eds.), *Introducing women's studies*. Londres: Macmillan Press. pp. 123-150.
- Mcperson, B. D.; Curtis, J. E. & Loy, J. W. (1989). *The social significance of sport: an introduction to the sociology of sport*. Champaign, Ill., Human Kinetics.
- Medeiros, F. (2017). *Adversidades e lugares de fala na produção do conhecimento etnográfico com policiais civis*. Cadernos de campo, São Paulo, n. 26, v.1.
- Messa, M. (2008). *As mulheres só querem ser salvas: Produção, texto e recepção de Sex and the City*, In Ana Carolina Escosteguy (ed). *Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa*, Porto Alegre, Edipucrs, pp. 131-169.
- Moreira, M.; Dias, T. (2017, janeiro 15). *O que é 'lugar de fala' e como ele é aplicado no debate público*. Nexo Jornal. Expresso. In <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/15/O-que-%C3%A9-%E2%80%98lugar-de-fala%E2%80%99-e-como-ele-%C3%A9-aplicado-no-debate-p%C3%BAblico> Acedido em 01/04/2020.

- NERI DE SOUZA, F., COSTA, A. P., & MOREIRA, A. WebQDA: Software de Apoio à Análise Qualitativa. Comunicação apresentada na 5ª Conferência Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação, CISTI'2010, Santiago de Compostela, Espanha, 2010.
- NERI DE SOUZA, F., COSTA, A. P., & MOREIRA, A. Análise de Dados Qualitativos Suportada pelo Software WebQDA. Comunicação apresentada na VII Conferência Internacional de TIC na Educação (Challenges), Universidade do Minho, 2011^a.
- NERI DE SOUZA, F., COSTA, A. P., & MOREIRA, A. Questionamento no Processo de Análise de Dados Qualitativos com apoio do software WebQDA. EduSer - Revista de educação, 3(1), 19-30, 2011b
- Neves, J. L. (1996). *Pesquisa qualitativa – Características, usos e possibilidades*. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v. 1, n.ª 3, 2º semestre. p. 1-5
- Nogueira, C. (2018, outubro 22). *O 1.ª jogo do campeonato em direto na TV foi há 40 anos. E Vítor Baptista marcou*. Início/Desportos. Diário de Notícias. In: <https://www.dn.pt/desportos/o-1-jogo-do-campeonato-em-direto-na-tv-foi-ha-40-anos-e-vitor-baptista-marcou-10068744.html>. Acedido em 05/04/2020.
- North, L. (2009). *'Blokey' newsroom culture*. *Media International Australia*, nº132. pp. 5-15. Acedido em https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31591369/2009c_blokey_newsroom_culture_MIA.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3D2009_Blokey_Newsroom_Culture.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=ASIATUSBJ6BANC3367WC%2F20200502%2Fus-east-1%2Ffs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20200502T205850Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Security-Token=IQoJb3JpZ2luX2VjEBUaCXVzLWVhc3QtMSJHMEUCIQCC51pFRSzkE7J9CEkXVmTfiDfpvBMyP6WRP4BMAWwy9QIgb7ECNRiGCobdoHAQrHPnR8gUvCUrefaLvl%2FKwwyUzIsqtAMIThAAGgwyNTAzMTg4MTEyMDAiDB9HAGhA8ldhKqZBCiqRA%2BrA7eX2uHKE3TzmH3j%2BdgQmF37i3GWlJAYtftxKc9G426fFmypl6PQH7wdCW5i3uf4dm9oKJOV1MIqh9qpfnAlm mTGGt4%2FK7SoyzAiGN5RMXgDtwTIFUvUyd4ldsmwXBM9eWVGU1qUI7jsG%2Bq3WeSUcoAJ449pgGKUe1kLTjYKopvYihVALgHjj%2Fh7F74jIt9xJcD

[sGI1bqLkOqHQdlzQ56FuYGFwb9FK%2F6XTeGkcDBBlpR%2F7SiwplOph7i
u%2BpcrQZx%2FjILLWOIW7i3JRHWKDXasHBviyO7LpmNuowCweFAwHS
Pg3vMoXykaC5QikVXLcMq%2FS3BQXwobL9swh1IqOwpqzUlB4hDtDxsclu
5A6o5A5fhje5osZcrEy%2BwNPPZ1oxFsTOFE6A5e3q15cktwbfdtQbJE3L5%2
BvSvjKosdGsuMvoGJK%2FfmtmraWRZlo%2FYkMxIW%2B8KpVjsTmtoGP
Eoyw3CMh1FJFuSbkWFF1LOhcJxU7an1M5Vh3djh4J%2BMMhIx744mDiH
FpGxuty23%2FZ%2FO%2B38MKytt%2FUFOusBUyeJ4IxaRBoB%2BVchEy
WR%2BKt3FCZAwEpYOT4K38%2F3tzWrJs8fyD4lrC9qbXfuVAh6GaJrdtsm
4p4GZ2MMeE%2Fh7YwLiuKJfiaL%2BDDIQbJthWf7zQMsivqLXIS%2F4ltr8
nTGpt6XBp9A5Cc2MpOzjVv%2FTHM9jBvZMv1%2BA64Qbhp%2FNgGYGV
nGU9DDQ6DUogmnbColx7DQcXdNHb%2FkZe1gcTipIqFnr%2BT4qsAfmV
ehY8rDereEJY%2F7bismwYZ55NGOu7v99jWa%2BIy%2BzNbrZywBcoxdW
D6od7Jerwreu2pItWJsUPDaemFHZJ4hVIscQQ%3D%3D&X-Amz-
Signature=04bb4fcc94613a106b035946697cbd7f67aeb4d74851c20453f74bo
a9319403e](https://www.dinheirovivo.pt/empresas/em-portugal-ha-33-mulheres-em-cada-dez-gestores/) [consultado em 02-05-2020].

- Pêgo, L. (2015). Os Estudos de Género e os Media – Uma Análise à Perceção das Jornalistas Sobre o Jornalismo Desportivo em Portugal. Dissertação de Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura. Escola Superior de Educação de Portalegre - Instituto Politécnico de Portalegre.
- Pereira, P. M. (2013). *Marketing Desportivo Digital: A importância do marketing digital para os clubes desportivos – Estudo de caso F. C. Porto*. Dissertação de Mestrado em Marketing e Gestão Estratégica. Universidade do Minho – Escola de Economia e Gestão.
- Pereira, S. J. G. (1998). A televisão na família – Processos de mediação com crianças em idade pré-escolar. Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho. Braga. p. 222.
- Pimentel, I. F. e Melo, H. P. (2015). *Mulheres portuguesas*. Lisboa: Clube do Autor.
- Pinheiro, A. M. (2017). Igualdade de género – Em Portugal há 3,3 mulheres por cada dez gestores. In <https://www.dinheirovivo.pt/empresas/em-portugal-ha-33-mulheres-em-cada-dez-gestores/>. Acedido em 21/06/2020.
- Pinheiro, F. (2003). A ideia de Europa na imprensa desportiva portuguesa (1893-1945). Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora (Mestrado em Estudos Históricos Europeus). Évora.

- Pinheiro, F. (2009). *História da imprensa periódica desportiva portuguesa*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Universidade de Évora (Doutoramento em História). Évora.
- Pinheiro, M. C. B. (2008) “*Os media e o desporto: análise dos géneros masculino e feminino nos jornais desportivos*”, Associação Portuguesa de Sociologia – III Congresso Português de Sociologia, Práticas e Processos da Mudança Social. Celta Editora, pág. 1-8.
- Pinto, R. (2011, abril 3). À Conversa com Ricardo Pinto: Entrevista Exclusiva à Jornalista da TVI, Cláudia Lopes. In <http://conversacomricardopinto.blogspot.com/2011/04/entrevista-jornalista-da-tvi-claudia.html>. Acedido em 29/03/2020.
- Pires, F. D. (2017), O desporto como fator de mudança social, LinkedIn.
- Poovey, M. (1998). *Feminism and deconstruction*. *Feminist studies*. v. 14, n. 1, spring. p. 51-65.
- Pordata (2018). *Diplomados no ensino superior: total e por sexo – Quantos homens ou mulheres concluem o ensino universitário e politécnico?* In <https://www.pordata.pt/MicroPage.aspx?DatabaseName=Portugal&MicroName=Diplomados+no+ensino+superior+total+e+por+sexo&MicroURL=664&>. Acedido em 21/06/2020.
- Rebelo, J. (coord.); Gomes, A.; Manuel, A.; Rodrigues, A.; Borga, C.; Andringa, D.; Abreu, D.; Salim, I.; Fernandes, J. L.; Pacheco, L.; Sousa, P. D.; Graça, S. M.; Ferreira, V. (2011). *Ser jornalista em Portugal – perfis sociológicos*. Lisboa: Gradiva.
- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento/ Justificando.
- Rintala, J.; Birrell, S. (1984) *Fair treatment for the active Sociology of Sport Journal*, 1(1), 231-250.
- Rodrigues, N. (1993). *À sombra das chuteiras imortais: crónicas de futebol*. (Ruy Castro, org.) 11.ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rosa, E. (2011). *Mulheres no com o ensino superior no período 2000/2010 no Dia Internacional da Mulher*. In <https://www.eugeniorosa.com/Sites/eugeniorosa.com/Documentos/2011/15-2011-A-MULHER-COM-ENSINO-SUPERIOR.pdf>. Acedido em 13/04/2020.

- Sá, S. (2019). Comentário televisivo em 'prime time': mulher não entra? Conferência Doutoral: UBI.
- Sáinz, M. S. (2003). *El poder de la elite periodística*. Madrid: Editorial Fragua.
- Salim, I. (2008). A “feminização” do jornalismo em Portugal. *Trajetos*, 12. pp. 117-124.
- Sampaio, I. S. V. (2000). *Televisão, Publicidade e Infância*. São Paulo: Annablume: Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará. 2ª Edição. 298 p.
- Sancar A.; Sever C. (2009), *Sport and Gender*, in: *Sport for Development and Peace*, Swiss Agency for Development and Cooperation (SDC).
- Santos, C. A. (2012). *Jornalismo Desportivo: A notícia em Televisão e as Fontes de Informação dos Jornalistas*. Relatório de Estágio na TVI para o Mestrado de Jornalismo. Faculdade das Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa.
- Saraiva, M. M. (2019). *Jornalismo Desportivo: Mulheres (in)visíveis quando a bola rola*. Dissertação de Mestrado em Jornalismo. Universidade da Beira Interior. Covilhã.
- Saraiva, P. D. G. (2017), *Mulheres, Desporto, Media: Noticiabilidade e objetificação sexual do desporto feminino nos jornais desportivos em Portugal (1996-2016)*, pp. 1-302.
- Sherry, E.; Osborne, A.; Nicholson, M. (2016), “Images of Sports Women: A review”. *Sex roles*, 74, 299-309. Disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007/s11199-015-0493-x>, acedido em 7 de junho de 2016.
- Silva, I. F. S. P. M. (2019). *Jornalismo Desportivo: A Participação das Mulheres na Imprensa Generalista Portuguesa*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Media e Jornalismo. Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Católica Portuguesa.
- Silva, S. (1999). *O conflito identitário: sexo e género na constituição das identidades*. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. Rio de Janeiro, vol.10, n.º1, pp. 70-85.
- Silva, L. S. (2011), *Futebol, Media e Sociedade: um fenómeno de sucesso*. Universidade Católica Portuguesa.

- Sousa, R. (2019, Março 15). *O Homem, a Mulher, o Atletismo e o Desporto*. Vida de Maratonista. Investigação. Opinião. In <https://vidademaratonista.com/homem-mulher-atletismo-desporto-opiniao/>. Acedido em 29/03/2020.
- Subtil, F. (2000). *As mulheres jornalistas*. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/subtil-filipa-mulheres-jornalistas.html> (consultado em 19-03-2020).
- Subtil, F. (2009). *Anotações sobre o processo de feminização da profissão de jornalista na década de 1990*. In J. L. Garcia (org.), *Estudos sobre os jornalistas portugueses – metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. pp. 93-108.
- Subtil, F. & Silveirinha, M. J. (2017). *Caminhos da feminização da profissão de jornalista em Portugal: da chegada em massa à desprofissionalização*. In J. N. Matos, C. Baptista & F. Subtil (orgs.), *A crise do jornalismo em Portugal*. Porto: Deriva. pp. 122-133.
- Theberge, N., Cronk, A. (1994). *Work Routines in Newspaper Sports Departments and the Coverage of Women's Sports*. In Birrell, S.; Cole, C. (ed.) *Women, Sport and Culture*. Human Kinetics, pp. 289-298.
- Tuchman, G. (1978). *Introduction: the symbolic annihilation of women by the mass media*. In G. Tuchman, A. K. Daniels & J. Benet (eds.), *Hearth and home: images of women in the mass media* (pp. 3-38). New York: Oxford University Press.
- Tuchman, G. (2004). *O aniquilamento simbólico das mulheres pelos meios de comunicação de massas*, In Maria João Silveirinha (ed.) *As Mulheres e os Media*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 139-153.
- UN Women – Beijing+20. (2015). In Focus: Women and the Media. Disponível em: <https://beijing20.unwomen.org/en/in-focus/media>. Acedido a 23 de março de 2020.
- Van Dijk, T. (1997). *'Semântica do discurso e ideologia' in Pedro, Emília (ed.) (1997) Análise crítica do discurso – Uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho. pp. 105-168.
- Van Zoonen, L. (2004). *Feminist Media Studies*, London: Sage Publications.
- Ventura, I. (2009). *As Primeiras Mulheres Repórteres – Portugal nos Anos 60 e 70*. Lisboa: Tinta da China. pp. 159-164.

- Ventura, I. (2012). *As primeiras mulheres repórteres – Portugal nos anos 60 e 70*. Lisboa: Tinta da China.
- Vieira, A. P. M. P. (2011). “*Mulheres (in)visíveis. Que “género” de comentadores no horário nobre da televisão?*”. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Área de Especialização em Informação e Jornalismo, No âmbito do projeto “Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera público digital”.
- Whannel, G. (1983). *The Television Spectacular*. In Whannel, G.; Tomlinson, A. (ed.) *Five Ring Circus – Money, Power and Politics at the Olympic Games*. Londres e Sydney: Pluto Press, pp. 30-43.
- World Economic Forum. (2014). *The Global Gender Gap Report 2014*. Genebra. Disponível em: http://acegis.com/wp-content/uploads/2014/11/portuguese_gender_gap.pdf. Acedido 21/06/2020.
- World Economic Forum. (2018). *The Global Gender Gap Report 2018*. Genebra. Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2018.pdf. Acedido em Setembro de 2019.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Tradução de Daniel Grassi, 2.^a ed. Porto Alegre: Bookman.

Anexo A – Guião da entrevista a Jornalistas

Guião de entrevista para Jornalistas

O texto em itálico destina-se ao/s entrevistador/es

- *Cumprimentar.*
- *Solicitar autorização para fazer gravação áudio.*
- *Já a gravar, explicar que estes dados são para um estudo académico.*
- *Perguntar se o/a entrevistado/a autoriza ser identificado pelo nome no trabalho ou prefere o anonimato.*
- *Dizer data, hora e local para ficar gravado.*

Informação da entrevista

Data:

Hora de início:

Hora de fim:

Local da entrevista:

Dados demográficos

Nome: Cristiana Sofia Queirós Alves

Data de nascimento ou idade: 2 Novembro 1990 (29 anos)

Contactos (telefone e e-mail): cqalvessic.impresa.pt

Género: Feminino

Licenciatura/Escolaridade: Mestrado em Jornalismo

Profissão atual: Jornalista

Perguntas sobre a fase anterior à profissão:

- **Antes de ser jornalista desportiva exerceu outra profissão?**

- Qual?

Antes de ser jornalista tive vários trabalhos, uns mais temporários e outros com maior longevidade. Já trabalhei na restauração, em lojas de roupa, numa clínica de estética onde fui responsável pelo departamento de comunicação e fiz promoção em vários eventos.

Perguntas para Jornalistas:

- Quando surgiu o gosto pelo jornalismo?

Acho que a primeira vez que pensei seguir jornalismo tinha 15 anos. Sempre fui uma pessoa atenta ao que se passava (tanto através de notícias, como no que me rodeava). A curiosidade de saber sempre mais fez-me pensar que o jornalismo seria um bom caminho para mim.

- E em relação ao seu percurso profissional?

No segundo ano do mestrado tive de escolher um estágio. A SIC sempre foi a minha primeira opção e acabei por ser escolhida na entrevista. Estagiei durante 6 meses onde confirmei o meu “gosto” pela profissão. Depois disso tive uma proposta da SportTV onde trabalhei durante 9 meses. Lá fui produtora editorial, mas também contava para a redação e fui fazendo algumas peças e reportagens. Percebi que a produção, apesar dos seus encantos, não era o que me apaixonava. Voltei para a SIC onde estou desde 2018, na equipa de desporto.

- Porquê o jornalismo desportivo?

O desporto sempre fez parte da minha vida desde miúda. Pratiquei atletismo e voleibol, mas o futebol captava a minha atenção enquanto espectadora. O meu pai levava-me a todos os jogos e eu estudei durante o secundário em frente a um Estádio da Primeira Liga, ou seja, assistia de perto à dinâmica dos treinos, dos jogos e das grandes competições. Quando vim estagiar para a SIC mostrei logo vontade de ir para a editoria de desporto e assim foi. Percebi que o meu interesse não era só pessoal, enquanto profissional é o que mais me entusiasma também.

- Foi difícil ingressar neste meio pelo facto de ser mulher?

Apesar da evolução que temos de reconhecer, uma mulher continua a despertar algum ceticismo em algumas situações. A sensação que tenho é que temos de mostrar mais vezes o que sabemos, temos de defender mais as nossas ideias. Tudo isto numa fase

inicial em que chegamos pela primeira vez a um cenário que tem mais homens do que mulheres. Na SIC a experiência foi diferente, até porque a editora de desporto é mulher, a coordenadora dos jornais de desporto também é mulher e há outras mulheres na equipa.

- Na altura em que chegou à redação, como foi a integração?

Boa e muito fácil. Fui muito bem recebida pela minha editoria e por todas as outras. Enquanto estagiária senti sempre muito apoio dos meus colegas. Todos me ensinaram e ajudaram a evoluir. Quando regresssei para trabalhar e entrar mesmo na equipa foi exatamente igual. Os processos mudam um bocadinho de televisão para televisão e eu voltei a aprender os da SIC, por isso os meus colegas foram essenciais. O facto de ser mulher nunca fez diferença na forma como me receberam e me ajudaram.

- Que dificuldades surgiram?

De uma forma inicial foi perceber as dinâmicas de tudo. Quando entramos num trabalho novo, que acarreta tanta responsabilidade, temos necessariamente de interiorizar bem os processos de “como é que se faz”. No dia a dia vão sempre surgindo desafios, e ainda bem porque é esse o encanto. Claro que passar da teoria à prática muda tudo. No terreno por mais dificuldades que surjam o trabalho tem de ser feito. No meu caso tive colegas impecáveis que me orientaram e partilharam experiências comigo, por isso minimizaram as dificuldades que pudesse estar a sentir.

- Acha que, pelo facto de ser mulher e ingressar na área do desporto, que é uma área muito dominada pelos homens, que teve alguma dificuldade acrescida relativamente aos seus colegas do sexo masculino?

O que senti foi que em alguns momentos tive de “mostrar” que percebia de futebol. Que sabia do que estavam a falar e sobretudo que eu sabia o que estava a dizer. Que o futebol não surgiu nos meus interesses recentemente, mas que acompanho o desporto de forma geral e o futebol em particular desde que me lembro. É “fácil” cair na piada de ser mulher num mundo de homens e sinto que de vez em quando temos de nos impor. Em algumas situações temos de defender mais as nossas ideias ou as nossas perguntas perante alguns homens, que à partida (raríssimos casos felizmente) se mostram resistentes a reconhecer o valor de uma pergunta feita por uma mulher.

- Acha que o desporto continua a ser visto como um tema feito por, e para homens?

Acho que não. Há cada vez mais mulheres (e ótimas profissionais) que quebram esse estigma. Não só no que diz respeito ao jornalismo, mas em todas as vertentes do desporto.

- Na sua opinião, sendo mais as mulheres a concluir cursos de jornalismo ou similares, porque continuam elas a estar ainda em minoria nas redações de média ligados ao desporto?

Acho que as mulheres têm conquistado esse espaço, não só pelo aproveitamento nas universidades, mas também porque agora nos são dadas oportunidades de exercer trabalhos que foram associados a homens durante muito tempo. Acho também que essa diferença que ainda existe (ainda que cada vez menos) tem muito que ver com heranças passadas. Durante muitos anos o jornalismo desportivo era para os homens, as redações eram dominadas por homens e só mais tarde é que as mulheres entraram “nesse mundo”, daí a diferença nos números.

- Alguma vez se sentiu discriminada (negativamente ou positivamente) pelo facto de ser mulher?

Discriminada não, mas estamos obviamente sujeitas a piadas que por vezes colocam em causa o nosso profissionalismo. Na rua, por exemplo, em certas entrevistas a adeptos é comum passar por situações que não se verificariam se fossemos homens. Se não gostarem de alguma pergunta o recurso à justificação “é mulher, não percebe nada disto” é mais usado. Mas também acredito que cabe à mulher desmistificar essa ideia que felizmente é cada vez menos visível.

- Na sua opinião, como se explica o facto de as mulheres continuarem em minoria no jornalismo desportivo?

Eu acho que é sobretudo por uma questão de interesses pessoais. É verdade que são mais mulheres a concluir os cursos de jornalismo, e também é verdade que cada vez mais mulheres mostram gosto pelo desporto, mas nem sempre foi assim. Já passei por duas redações e em ambas existem várias mulheres a fazer jornalismo desportivo, por isso acredito que no futuro essa diferença deixará de existir.

- Essa diferença pode ser justificada pelo facto de as mulheres não terem tanto interesse pelo desporto ou ainda por algum tipo de discriminação?

Exatamente, mas isso também está a mudar e ainda bem. Já não faz sentido há muito tempo distinguir profissões para homens e mulheres. Profissões e tudo o resto, mas neste caso estamos a falar de jornalismo desportivo e a verdade é que se ligarmos a televisão em qualquer canal que passe notícias de desporto, vemos que há cada vez mais mulheres.

- Na redação, quando as notícias de desporto são escritas, escrevem-nas objetivamente para um público masculino?

Não, de todo. Escrevemos as notícias para o público em geral, de forma a que todos as compreendam. Homens, mulheres, mais novos, mais velhos, mais ou menos instruídos, com mais ou menos conhecimentos de desporto. Essa é a função do jornalismo, informar todos. Se existisse distinção de géneros nesse sentido, estaria tudo muito errado.

- Em relação aos principais intervenientes desportivos, alguma vez sentiu discriminação por parte de jogadores, treinadores ou dirigentes pelo facto de ser mulher?

Creio que existe uma maior curiosidade às vezes. Curiosidade pelo nosso interesse no desporto, pela forma como vamos conduzir as coisas. Poderá existir alguma relutância, mas no meu caso em particular nunca senti que ser mulher influenciasse uma entrevista ou uma reportagem com esses intervenientes.

Agradecer.

Dizer hora do fim da entrevista e desligar a gravação.9

Anexo B – Guião de entrevista a Diretores de Informação

Guião de entrevista para Diretores de Informação

O texto em itálico destina-se ao/s entrevistador/es

- *Cumprimentar.*
- *Solicitar autorização para fazer gravação áudio.*
- *Já a gravar, explicar que estes dados são para um estudo académico.*
- *Perguntar se o/a entrevistado/a autoriza ser identificado pelo nome no trabalho ou prefere o anonimato.*
- *Dizer data, hora e local para ficar gravado.*

Informação da entrevista

Data:

Hora de início:

Hora de fim:

Local da entrevista:

Dados demográficos

Nome: Pedro Cruz

Data de nascimento ou idade: 49

Contactos (telefone e e-mail): pedrocruz@sic.pt

Género: Masculino

Licenciatura/Escolaridade: Ciências da Comunicação

Profissão atual: Jornalista, subdiretor Informação SIC

Perguntas sobre a fase anterior à profissão:

- Antes de ser diretor de informação exerceu outra profissão?

Ser diretor de Informação não é uma profissão. É uma função, necessariamente sempre temporária e finita; a minha profissão é jornalista, desde sempre. Estar diretor de Informação é um acaso.

- Qual?

Perguntas para Diretores de Informação:

- Como surgiu a oportunidade de ser diretor de informação?

Fui convidado pelo Diretor de Informação, Ricardo Costa, para integrar a Direção de Informação da SIC, com a função de subdiretor.

- E em relação ao seu percurso profissional?

Sou jornalista desde 1992; trabalhei em rádios locais, no Diário de Notícias e na TSF. Estou na SIC desde 1998; fui Chefe de Redação da SIC no Porto; Estou na direção da SIC desde 2016.

- Encontrou algumas dificuldades?

Não sei o que entende por dificuldades; no início do meu percurso, durante quatro anos, recebia a recibos verdes, tal como acontece ainda hoje, em várias áreas; Tirando a questão contratual, as dificuldades de acesso à profissão, em 1992, eram bastante diferentes das de hoje; havia uma grande mudança na comunicação social em Portugal, com a abertura das TV's a privados; foi uma excelente época para estar á procura do primeiro trabalho como jornalista.

- Considera que é mais difícil para uma mulher ser jornalista na área desportiva?

Hoje em dia, não. Julgo que ao nível das repórteres, nos últimos anos, foi crescendo exponencialmente o número de mulheres a cobrirem a área do Desporto; o que parecia «estranho» há uma década está hoje completamente consolidado e não é sequer uma questão. Quando se pensa em contratar alguém para a área, já não se pensa no género.

- Acha que o desporto continua a ser visto como um tema feito por, e para homens?

Não. Julgo que, e isto é um achómetro, o desporto - nomeadamente o futebol - continua a interessar muito mais ao público masculino do que ao público feminino.

- Na sua opinião, sendo mais as mulheres a concluir cursos de jornalismo ou similares, porque continuam elas a estar ainda em minoria nas redações de média ligados ao desporto?

Da minha experiência, enquanto subdiretor de Informação, responsável pelos estágios na SICV e docente de jornalismo, tem a ver com as preferências dos candidatos e não com nenhum tipo de segregação; a maioria dos alunos e candidatos a estagiários homens prefere o Desporto como área de trabalho; o número é inverso no caso das mulheres - apenas uma minoria prefere os temas do Desporto.

- Na sua opinião, como se explica o facto de as mulheres continuarem em minoria no jornalismo desportivo?

Pela mesma razão que apontei anteriormente.

- Essa diferença terá a ver com o facto de as mulheres não terem tanto interesse pelo desporto ou por algum tipo de discriminação que ainda possa existir?

Como já expliquei, a «discriminação» em função do género foi ultrapassada há mais de uma década; continua, na minha ótica, a ser uma questão de escola e de gosto das jornalistas mulheres que preferem dedicar-se a temas mais sociais, culturais ou de política;

- Acha que as notícias, são escritas para um público masculino?

Na televisão não sinto isso.

- Na redação, quando as notícias de desporto são escritas, escrevem-nas objetivamente para um público masculino?

Não necessariamente. Os textos televisivos são curtos e por norma não são nunca escritos em função do género dos telespetadores.

Agradecer.

Dizer hora do fim da entrevista e desligar a gravação.